



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO
PRÓ-REITORIA DE PÓSGRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA
SECRETARIA DE PÓS-GRADUAÇÃO CESAD
REDE DE ALTOS ESTUDOS EM SEGURANÇA PÚBLICA
ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITOS INFANTO-JUVENIS NO AMBIENTE ESCOLAR
(ESCOLA QUE PROTEGE)**

**ELANDI DOS SANTOS
JOSEFA FERREIRA DOS SANTOS**

**UMA ANÁLISE DA DISCUSSÃO SOBRE ESTRATÉGIAS E FORMAS DE COMBATE
AO PRECONCEITO RACIAL NA ESCOLA MUNICIPAL EDUARDO SIQUEIRA DE
LIMA NO MUNICÍPIO DE SÃO DOMINGOS /SE**

**SÃO DOMINGOS/SE
OUTUBRO/2015**

ELANDI DOS SANTOS
JOSEFA FERREIRA DOS SANTOS

UMA ANÁLISE DA DISCUSSÃO SOBRE ESTRATÉGIAS E FORMAS DE COMBATE
AO PRECONCEITO RACIAL NA ESCOLA MUNICIPAL EDUARDO SIQUEIRA DE
LIMA NO MUNICÍPIO DE SÃO DOMINGOS /SE

Trabalho de conclusão de curso apresentado em forma de Plano de Intervenção em cumprimento a uma das exigências para obtenção do título de especialista no Curso de Especialização em Direitos Infanto-Juvenis no Ambiente Escolar (Escola que Protege).

Eixo temático: Escola como espaço de promoção da cidadania e mediação de conflitos

Professor/as Orientadoras: MSc. Priscila Soares Silva

Professora Co-orientadora: Esp. Adeilde Rocha Santana

**SÃO DOMINGOS/SE
OUTUBRO/2015**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

SANTOS, Elandi dos. 2015

Uma Análise da Discussão Sobre Estratégias e Formas de Combate ao Preconceito Racial na Escola Municipal Eduardo Siqueira de Lima no Município de São Domingos /SE. / Elandi dos Santos, Josefa Ferreira Dos Santos – 2005. 83 f. : 30 cm.

Orientador: Prof . Ms. Priscila Soares Silva

Plano de Intervenção / Monografia (lato sensu) – Universidade Federal de Sergipe / Centro Superior de Educação a Distância. Eixo temático: Escola como espaço de promoção da cidadania e mediação de conflitos, 2015

1. Preconceito. 2. Violência Física e Moral. 3. Plano de Intervenção Educacional. I.SILVA, Priscila Soares. II. Uma Análise da Discussão Sobre Estratégias e Formas de Combate ao Preconceito Racial na Escola Municipal Eduardo Siqueira de Lima no Município de São Domingos /SE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO
PRÓ-REITORIA DE PÓSGRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA
SECRETARIA DE PÓS-GRADUAÇÃO CESAD
REDE DE ALTOS ESTUDOS EM SEGURANÇA PÚBLICA
ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITOS INFANTO-JUVENIS NO AMBIENTE ESCOLAR
(ESCOLA QUE PROTEGE)

COMISSÃO JULGADORA

Plano de Intervenção do/a docentes Elandi dos Santos e Josefa Ferreira dos Santos, intitulado Uma Análise da Discussão Sobre Estratégias e Formas de Combate ao Preconceito na Escola Municipal Eduardo Siqueira de Lima no Município de São Domingos /SE, defendido em ____/____/____ e aprovado pela banca examinadora composta pelos seguintes professores:

(Examinador/a)

PRISCILA SOARES SILVA
(Orientador/a)

AGRADECIMENTOS

Elandi dos Santos

Agradeço primeiramente a Deus por mim da força, saúde e dedicação, por mais uma conquista que consigo na minha vida profissional e pessoal, tornando possível assim o alcance de mais um sonho. A minha querida mãe Maria, pai Reginaldo, vó, tios, tias que me concedeu a vida e que nunca mediram esforços para que pudesse correr atrás dos meus objetivos, pois todos mim ajudaram nas horas difíceis. Aos meus irmãos Regilvan e Junior por mim incentivarem quando eu estava desanimada, não esquecendo também dos verdadeiros amigos e amigos que sempre torceram por mim em todos os momentos da minha vida. E, agradeço ao mesmo tempo as professoras que nós orientaram na realização desse trabalho e a tutoras(os) por terem mim proporcionado uma experiência impar em minha vida através do Polo da UAB/UFS da minha querida cidade de São Domingos.

Josefa Ferreira dos Santos

Agradeço a Deus, a minha família, minha mãe, meu pai, meus filhos, marido e familiares, pela contribuição dada à minha formação profissional, através da paciência com que me acompanharam. As minhas orientadoras, professora Priscila Soares Silva e Adeilde Rocha Santana pela paciência e dedicação, como também pela amabilidade na cessão de textos para enriquecimento da nossa análise. A todos os amigos pessoais dos quais não cito nomes, para não correr o risco de esquecer, injustamente, algum deles. Enfim, a todos os que me ajudaram e/ou ajudam a atravessar cada dia com determinação e expectativa de que o aprendizado possa servir, ao meu enriquecimento pessoal como indivíduo, cidadão e professor a fim de ajustar as minhas ações para atingir alguma melhoria no ciclo das minhas ações.

RESUMO

Este plano de intervenção apresenta resultados de uma discussão que teve como objetivo analisar formas de combate ao preconceito racial na Escola Municipal Eduardo Siqueira de Lima localizada na Zona Rural do Município de São Domingos - SE. Para o diagnóstico da pesquisa foram realizadas pesquisa bibliográfica, grupo focal e aplicação de questionários, com o intuito de analisar e discutir as relações estabelecidas no espaço da escola, especialmente entre alunos/alunos, tomando como referência os problemas violência física e moral vivenciados nesse ambiente, tais como: piadas e brincadeiras de mau gosto, uso de expressões de cunho racista, entre outros. Ressalta-se que o resultado dessas ações discriminatórias no ambiente educacional tem causado danos que influenciam negativamente no processo psicológico, social e cognitivo e contribuindo para o seu baixo rendimento escolar. A fim de colaborar para formulação de estratégias que possam contribuir para o melhoramento do processo educacional nessa instituição de ensino no final do trabalho apresentamos proposta de intervenção educacional.

Palavras-chaves: Preconceito; Violência Física e Moral; Plano de Intervenção Educacional.

ABSTRACT

This action plan presents the results of a discussion that aimed to examine ways to combat racial prejudice at the Municipal School Eduardo Siqueira Lima located in the Rural Zone of São Domingos - SE. For the diagnosis of research were carried out bibliographic research, focus groups and questionnaires, in order to analyze and discuss the relationships established in the school space, especially among pupils / students, by reference to the problems experienced physical and moral violence in this environment such as: jokes and pranks, use of racist expressions, among others. It is noteworthy that the result of these discriminatory actions in the educational environment has caused damage that negatively influence the psychological, social and cognitive process and contributing to their poor academic performance. In order to contribute to the formulation of strategies that can contribute to the improvement of the educational process in this educational institution at the end of the work we present educational intervention proposal.

Keywords: Prejudice; Physical and moral violence; Educational Intervention Plan.

LISTAS DE IMAGENS

FOTOGRAFIA 1: IMAGENS DA ENTRADA E DO PÁTIO DA ESCOLA MUNICIPAL EDUARDO SIQUEIRA DE LIMA, 2015.	26
--	----

LISTAS DE GRÁFICO

GRÁFICO 1: GÊNERO DOS ENTREVISTADOS.	27
GRÁFICO 2: COM QUEM RESIDEM OS DISCENTES.....	27
Gráfico – 03– Nível de escolaridade dos pais e encerrados dos alunos questionados	27
Gráfico – 04– Principal meio de transporte que vão para escola.....	27
Gráfico – 05 – Rendimento dos alunos questionados	28
Gráfico – 06– O último livro que leram	28
Gráfico – 07– Numero de amigos que eles têm no ambiente escolar.	29
Gráfico – 08– Quantas vezes sofreu algum tipo de agressão na escola.....	29
Gráfico – 09– Tipo de agressão mas sofrido pelos alunos.....	30
Gráfico – 10– Numero de Agressores.	32
Gráfico – 11– Você costuma a sofrer agressões por menino ou menina.	32
Gráfico – 12– Sentimento ao sofrer violência moral e física.	33
Gráfico – 13– Relação ao sofrer violência ou Agressões Físicas ou Moral	34
Gráfico 14 – Algum colega tentou impedir o ato de violência.	35
Gráfico 15– O que motiva o agressor a esta pratica.....	36
Gráfico – 16– Reação ao observar um colega em situação de Violência Física e Moral	37
Gráfico 17– Como você se sentiu vendo um dos seus colegas sofrendo tais agressões na escola.....	38
Gráfico – 18– Número de vezes que ajudou a cometer tais práticas contra outros colegas.....	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1: REVISÃO DA LITERATURA	13
1.1. A Violência na Escola.....	13
1.2. Conceito de Violência Escolar	14
1.3. Conceito de Bullying.....	18
1.4. Vítimas de Bullying.....	22
1.5. Preconceito Racial	23
CAPÍTULO2: RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	26
2.1. Perfil dos alunos.....	27
2.2. Os alunos e o ambiente escolar	29
CAPÍTULO 3: PLANO DE AÇÃO EDUCACIONAL	42
3.1 Apresentação e Justificativa	42
3.2. Objetivo Geral	43
3.2. Objetivos Específicos.....	44
3.3. Estratégias de Ação	47
3.3.1. Ação 1: Ambiente Educativo	47
3.3.2. Ação 2: Ambiente Educativo	47
3.3.3. Ação 3: Ambiente Educativo	48
PROJETO: CONSCIÊNCIA NEGRA NA ESCOLA.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	55
APÊNDICES	58
Apêndice A: questionário dos alunos	59
Apêndice B: questionário dos professores	63
Apêndice C: Relatório do questionário dos alunos.....	67
ANEXOS.....	79

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas a sociedade brasileira vem se esforçando na luta pelos direitos de grupos minoritários obtendo diversos avanços no que diz respeito às mudanças no atendimento à garantia de seus direitos, procurando assegurar respeito e cidadania independentemente da cor, da raça e religião. De fato, estudos realizados por Bobo & Krysan (1998) evidenciam que as formas clássicas de discriminação racial têm diminuído em várias partes do mundo devido, sobretudo, a maior divulgação destas práticas antissociais e de uma maior rigidez da aplicação da lei contra os atores de tais práticas através de ações realizadas por diversos organismos internacionais de direito humano que vem atuando com ações de conceptualização e acordos internacionais que visam coibir tais práticas.

Esta questão também é vivenciada no contexto escolar. Estudos, pesquisas e trabalhos apontam diversos caminhos para a resolução de casos de discriminação e preconceito no ambiente escolar, também em busca do respeito a pluralidade e a garantia da cidadania para todos. Segundo Oliveira (2007), para acabar com este tipo de comportamento as instituições de ensino devem fornecer cursos de capacitação e conscientização que permita ao educador fazer esta leitura, isso só é possível com programas que levem a analisar criticamente o racismo na educação, objetivando uma luta pela sua superação. Em um país com uma diversidade cultural imensa e com uma mistura de povos tão singular, a discriminação racial se torna uma contradição cultural e o dever de combatê-la é de todos nós.

No entanto, à medida que se avança com pesquisas e ações contra a discriminação e o preconceito, que vêm possibilitando a diminuição de práticas raciais, constatam-se que estes em muitos casos não se anulam, mas se reinventam. Podemos verificar o fato pelas observações desenvolvidos por Pettigrew (1999), em seus estudos.

Vale salientar que segundo Oliveira (2007), a prática racista no Brasil vem de uma mazela histórica na qual as raízes culturais trazem relatos e fatos que deveriam servir de exemplos para que tais problemas não possam ocorrer. No entanto tais manifestações explícitas de violência, intolerância e as ações camufladas de segregação ainda permanecem apesar de tanto esforço de banir esta prática da nossa vivência.

Refletindo sobre os apontamentos apresentados consideramos que é possível estabelecer uma proposta efetiva a respeito do preconceito racial na escola, mas para isto é necessário a disposição em percebê-lo em suas nuances e diferentes manifestações.

Precisamos reconhecer a sua existência como um comportamento grave, cujo método deve ser compreendido e analisado, para assim buscar desenvolver estratégias que contribuam para evitá-las. Partindo destes princípios algumas indagações surgem: Como a temática sobre o preconceito racial é vivenciado no contexto escolar? Os discentes sofrem ou já sofreram algum tipo de intolerância racial? Qual é a postura da instituição quando um fato desta gravidade é detectado? Quais são as medidas sócias educacionais adotadas pela instituição para prevenir tais fatos? Se os alunos que devidamente identificados sofrem agressões são levados para um acompanhamento psicológico? Como o professor possa se sensibilizar com a problemática de preconceito racial no contexto escolar sem fugir do cronograma didático da instituição?

Para tentar responder estas indagações levantadas elegemos como objeto de estudo da pesquisa a análise das vivências e formulações de combate ao preconceito racial na Escola Municipal Eduardo Siqueira de Lima no Município de São Domingos /SE, Zona Rural. Pretendemos colaborar para formulação de estratégias que possam contribuir para o melhoramento do processo educacional nessa instituição de ensino.

Partindo deste preposto, em nossa pesquisa buscamos caracterizar o cotidiano escolar como um espaço de expressões culturais diversas e verificar se há diferenças e correlações na expressão de preconceito quando apresentado de forma sutil e flagrante no cotidiano escolar. Além disso, procuramos investigar o que os estudantes entendem por preconceito racial. E, apresentarmos propostas de ações, atividades e oficinas no ambiente escolar que envolva a temática racial.

Assim, esta pesquisa surge como tentativa de fazer uma reflexão com o corpo docente e discente de uma instituição de ensino no interior sergipano sobre a temática do preconceito racial. Pois, reconhecemos que é necessário fornecer elementos que possam contribuir no melhoramento do processo educacional, em especial das relações estabelecidas no ambiente escolar, tanto ente os alunos, quanto entre os alunos e os professores. Visto que negar a existência de preconceito racial em todas as suas formas como, racismo, bullying ou violência escolar é pôr em risco o desenvolvimento moral e psicológico do educando, uma vez que a sua existência no espaço educativo compromete a autoestima e conseqüentemente influenciam no processo de construção do conhecimento dos estudantes, principalmente nos anos iniciais de escolarização.

Para a realização da pesquisa se fez um levantamento bibliográfico sobre a temática e a fim de buscar informações que pudessem elucidar o desenvolvimento do trabalho. No que se refere à metodologia aplicada, buscou-se dois métodos, quantitativo e qualitativo, a junção dos mesmos se apresentou de forma mais adequada para entender a realidade pesquisada, já que permite ao pesquisador maior flexibilidade, criatividade, intuição e sensibilidade, a fim de que possa analisar os dados.

A análise qualitativa nos permitiu fazer uma abordagem que propiciasse resultados significativos na área educacional, no sentido de oportunizar ao pesquisador uma visão mais ampla do cotidiano escolar, além de produzir conhecimentos e contribuir para a transformação da realidade estudada. Escolhemos como ferramenta de pesquisa o grupo focal, contendo com a participação de 10 (dez) alunos sendo 6 meninos e 4 meninas na faixa etária de 09 a 13 anos de idade do 5º Ano do Ensino Fundamental Menor na Escola Municipal Eduardo Siqueira de Lima no período matutino no mês de setembro de 2015 sendo realizado através de perguntas referentes ao cotidiano escolar dos alunos, professores além do tema preconceito racial levando assim a uma reflexão por parte de todos os envolvidos. Trata-se de um método que visa obter informações que não poderão ser coletadas com os questionários aplicados obtendo assim sentimentos, valores e ideias dos participantes.

A prática de aplicar questionários em grupos de pessoas selecionadas com o objetivo de discutir sobre determinado tema a partir de suas experiências pessoais é denominada de grupo focal e foi utilizado como metodologia no desenvolvimento da pesquisa por buscar coletar informações diferenciadas que foram vivenciadas pelo grupo sobre preconceito racial, a aplicação do questionário teve a duração de 3 horas (GOMES, 2005).

Quanto às pesquisas quantitativas, a escolha deu-se por permitirem apurar opiniões e atitudes explícitas e conscientes dos entrevistados, como instrumento de coleta de dados optamos pela aplicação de questionários estruturados com perguntas abertas e fechadas entre os 10 (dez) alunos, buscando coletar informações diversas sobre preconceito racial.

Quanto as pesquisas quantitativas, a escolha deu-se por permitirem apurar opiniões e atitudes explícitas e conscientes dos entrevistados, como instrumento de coleta de dados optamos pela aplicação de questionários estruturados com perguntas abertas e fechadas entre os 10 (dez) alunos, buscando coletar informações diversas sobre preconceito racial.

Os questionários, na maioria das vezes, são propostos por escrito aos respondentes. Costumam, nesse caso, ser designados como questionários auto-aplicados. Quando, porém, as questões são formuladas oralmente pelo pesquisador, podem ser designados como questionários aplicados com entrevista ou formulários. (GIL p.12, 2008).

O plano de intervenção é baseado em estratégias de ações direcionadas a um público alvo visando a sua aplicação, elaboração e execução do mesmo para assim obter o objetivo proposto.

Um plano de intervenção é uma ferramenta a serviço de um objetivo de natureza pedagógica e/ou educacional. Trata-se de um instrumento de trabalho utilizado para organizar ações, de modo a alcançar os objetivos pretendidos. Ele se fundamenta na realidade sociocultural e responde a necessidades sociais e educacionais; trata-se de uma proposta objetiva e focalizada, destinada a implementar mudanças para resolver problemas da realidade (JACQUET, p.52, 2015).

Cada ação de um plano de intervenção tem o seu objetivo e metodologia objetivando com a aplicação desse procedimento solucionar o problema existente promovendo a promoção dos direitos dos estudantes dentro do ambiente escolar.

O ambiente escolar deve ser valorizado como local de interação entre criança, professor, currículo, gestão, democracia, família, direitos, deveres e comunidade, ou seja, como um espaço plural, dialógico e dinâmico que em seu ambiente vibrante comporta a organização da própria sociedade trazendo diversas experiências sociais. Ou seja, os atores sociais que atuam na escola – alunos, professores, funcionários, gestores e comunidade – são parte integrante da sociedade e carregam para a instituição problemas e desafios enfrentados no universo social (JACQUET, p.10 2015).

O ambiente educativo é um local designado para o pleno desenvolvimento sócio cultural dos discente, pois é nele que os mesmos se descobrem como pessoas que fazem parte de uma sociedade seguindo regras e deveres.

Após a apresentação dos procedimentos da pesquisa, cabe-nos agora apresentar como estruturamos o trabalho: no primeiro capítulo desenvolvemos conceitos, como violência escolar, bullying, e preconceito racial, que nos ajudaram a formular a construção teórica para dar seguimento a pesquisa, no segundo capítulo buscou-se levantar os dados sobre perfil dos alunos e ambiente escolar passando assim a conhecer a escola como um todo, no terceiro capítulo elaboramos um projeto de Intervenção que poderá ser executado na Escola Municipal Eduardo Siqueira de Lima com todos os requisitos necessários par a sua aplicação.

CAPÍTULO 1: REVISÃO DA LITERATURA

Na sociedade atual com as transformações ideológicas e tecnológicas que vêm acompanhadas com mudanças de postura social a educação torna-se vital meio de inserção social e fundamental para combate de qualquer tipo de preconceito ou racismo seja ele étnico, econômico ou social.

Nesta postura a escola torna um espaço, um lugar responsável por aquisição de conhecimento, nos mais variados gêneros que nos permite ter a plena lucidez da nossa cultura e dos malefícios de uma postura ante social. Vale ressaltar que a Constituição Federal de 1988 atribui tanto ao estado como a família o dever de cuidar proteger e educar, garantindo a toda a criança de 0 a 5 anos instituições públicas para que elas possam ser orientadas e cuidadas.

Orientação que também constam na Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, assim como na Lei 8069/91, do Estatuto da Criança e do Adolescente que garante o direito à:

(...) liberdade, ao respeito e a dignidade como pessoas humanas no processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na constituição e nas Leis; (...) a educação, visando o pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho (...) igualdade de condição para o acesso e permanência na escola; direito de ser respeitados por seus educadores; e ter respeitado os valores culturais, artísticos e históricos próprios no contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a este a liberdade de criação e o acesso às fontes culturais (BRASIL, 1991, p.02-04).

Deste modo, falar em educação ou do processo educativo e estar em consonância com uma obrigação legal e moral que nos remete a responsabilidade de dar todas as condições possíveis para que as crianças de hoje tenham plenas garantias para um processo educação que lhes permita formar homens e mulheres de amanhã que possamos chamar de um cidadão culto, que saiba respeitar as diferenças, seja ela cultural, religiosas, socioculturais, sexuais, físicas e étnicas serão respeitadas.

1.1. A Violência na Escola

A violência no âmbito escolar vem crescendo e assumindo proporções preocupantes, nos exigindo que toda a sociedade sobretudo, os gestores escolares, professores, pais e encarregados de educação e pesquisadores uma nova releitura do fenômeno sob novos

enfoques que a sociedade nos apresenta, assim para debruçarmos sobre esta questão neste capítulo procuraremos definir o que é conceito de violência escolar, tipos de violências, preconceito racial e como este tema pode se apresentar de formas diferentes em diversas partes do mundo e no Brasil.

Cabe ressaltar que, a violência e preconceito racial no âmbito da escola é um problema antigo, desenvolvidos por inúmeras pesquisas com enfoque diferenciados em que cada década ela vem se apresentando com novas configurações mudando e se adaptando as modelações sociais.

1.2. Conceito de Violência Escolar

De acordo com Debarbieux (2002), o conceito de violência escolar vem proporcionando relevantes mudanças, tanto sob o aspecto do que é considerado violência, como sob o olhar a partir do qual o tema é abordado, especialmente por parte dos professores contra alunos, os estudos passaram a privilegiar a análise da violência entre alunos ou desses contra a propriedade, de estudantes versus professores e de educadores contra alunos.

A que se evidenciar está sistematização foi necessária com a passagem de décadas para identificar diferentes formas de violência e de definir seus significados. Para Abramovay (2004), também os termos usados para indicar a violência variam de acordo com o país, isto é, por exemplo: nos Estados Unidos diversas pesquisas sobre violência na escola recorrem ao termo delinquência juvenil (HAYDEN e BLAYA, 2001 apud ABRAMOVAY, 2004, p. 72); na Inglaterra esse enfoque é pouco usual. Para alguns autores da literatura inglesa, o termo violência na escola só deveria ser empregado no caso de conflito entre estudantes e professores.

Ainda de acordo com o autor o que é caracterizado como violência varia em função do estabelecimento escolar, da posição de quem fala (professores, diretores, alunos), da idade e do sexo, sendo, portanto, uma conceitualização ‘ad hoc’ mais apropriada ao lugar, ao tempo e aos atores que a examinam (ABRAMOVAY, 2004, p.69).

Para Debarbieux (2002), a delimitação do conceito de violência no cotidiano das escolas está associada a três dimensões social, organizacional e distintas. Em primeiro lugar temos que pensar na degradação no ambiente escolar, isto é, a grande dificuldade de gestão

das escolas, resultando em estruturas deficientes, no segundo, a uma violência que se origina de fora para dentro das escolas, que as torna situadas e manifesta-se por intermédio da penetração das gangues, do tráfico de influência, de drogas e da visibilidade crescente da exclusão social na comunidade escolar. Já a terceira dimensão está relacionado ao componente interno das escolas, específico de cada estabelecimento da forma como os educadores tem ou vem trabalhando este ou outros temas que podem criar condições para desencadear violência escolar.

Etimologicamente, violência vem do latim vis, coragem. Significa todo ato de força contra a natureza de algum ser, de entusiasmo contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade. Se pode entender também que a transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito. Consequentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém.

De acordo com Hayden (2002, p.63);

Violência (substantivo) também pode ser [...] o estado ou a qualidade de ser ou de fazer uso extremo de força física, principalmente quando injustificada; pode ainda significar insulto; profanação; dano; estupro. Violento (adjetivo) refere-se àquele que faz uso intenso de força; ato impetuoso e incontido, tiranicamente veemente; devido à violência, manifestando violência.

Chauí (2013), faz uma reflexão de violência tendo em contas as bases jurídicas, de acordo com ele a violência ou a ação violenta está presente na legislação no campo de delinquência e da criminalidade. De acordo com autor este mecanismo legal permite delimitar ou identificar que ações ou condutas podem ser consideradas como ações que possam a levar as ações violentas, quais são as classes sociais que estão mais expostas a tais ações violentas e porquê.

A violência, aqui, é considerada como um momento no qual os grupos sociais “atrasados” ou “arcaicos” entram em contato com os grupos sociais “modernos”, e por estarem desadaptados torna-se violentos (CHAUÍ, 2003, p. 46).

No relatório de pesquisa recente coordenada por Abramovay (2002), discute-se está temática, fazendo-se referência a alguns autores, como Johan Galtung, que define a violência como “tudo aquilo que causa a diferença entre o potencial e ao atual, entre o que foi e o que é, neste sentido, é toda ação que impede ou dificulta o desenvolvimento em sentido amplo”.

Logo, a violência é uma ação causadora de dano, em suas diferentes dimensões, sendo caracterizada por sua natureza complexa (ABRAMOVAY, 2002, p. 14).

De acordo com Bernard Charlot (1997), é possível classificar a violência escolar a partir de três níveis distintos, isto é, a violência a incivilidade e a violência simbólica ou violência institucional. De acordo com autor todos os níveis representam:

- I. A violência pode representar ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo;
- II. A incivilidade representa a humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito;
- III. É violência simbólica ou institucional representa a falta de sentido em permanecer na escola por tantos anos, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses. (BERNARD CHARLOT, 1997, apud ABRAMOVAY, 2004, p. 69).

A agressão escolar tem numerosas causas e consequências, e o papel de uma análise sociológica é conhecer e se interrogar sobre as categorizações de um dado problema social. Bernard Charlot (1997), refere-se à dificuldade em definir violência escolar não somente porque está remete aos “fenômenos heterogêneos, difíceis de delimitar e de ordenar” mas também porque desestrutura “as representações sociais que têm valor fundador, aquela da infância, a da escola, e a da própria sociedade) (BERNARD CHARLOT, 1997, p.01, apud ABRAMOVAY, 2004, p. 69).

De acordo com Abramovay (2004), a inconveniência em delimitar as fronteiras aumentar devido ao fato de que o significado de violência não é consensual. O que é caracterizado como violência varia em função do estabelecimento escolar, do status de quem fala (professores, diretores, alunos), da idade e, provavelmente, do sexo (ABRAMOVAY, 2004, p. 69).

A construção de uma visão crítica sobre o fenômeno da violência mostra-se fundamental, na medida em que permeia todas as relações sociais, em que são profundamente afetados os membros da comunidade escolar. Debarbieux (2002), apresenta várias formas de evidenciar a violência escolar;

Na literatura nacional o conceito de violência tem considerando a população alvo, as características dos jovens, o lugar da instituição (escola), desde modo maior parte dos autores brasileiros como: (Schilling, 2004; Araújo, 2000; Costa, 1993; Zaluar, 1992; Guimarães, 1990) nas suas pesquisas não contempla apenas a violência física, mas inclui aspecto ético, moral, e político que em muitos casos o problema é detectado através de reportagem diárias em jornais o que falta é políticas públicas que permite conter tais ações de agressões.

Segundo Abramovay (2004), nos últimos anos, o aumento ou o registro de atos delituosos e de pequenas e grandes incivildades nas escolas chamam atenção, o que justifica o sentimento de insegurança dos que a frequentam. Tornam-se mais visíveis as transgressões, os atos agressivos, os incidentes mais ou menos graves que têm como palco a escola ou seu entorno, onde todos os atores sentem-se vítimas em potencial.

Esse angustiante sentimento de vulnerabilidade, segundo Debarbieux (2002), expressa a existência de uma tensão social que desencadeia insegurança no cotidiano das pessoas, mesmo não sendo vítimas de crimes e delitos – reflexão corrente no acervo da literatura internacional sobre o tema (DEBARBIEUX, 2002, p. 13, apud ABRAMOVAY, 2004, p. 93).

Desse modo, percebe-se que a instituição escolar vem enfrentando profundas mudanças com o aumento das dificuldades cotidianas, que provêm tanto dos problemas de gestão e tensões internas, quanto da efetiva desorganização da ordem social, que se expressa mediante fenômenos exteriores à escola, como a exclusão social e institucional, a crise e o conflito de valores.

De acordo com Abramovay (2004), tanto na literatura estrangeira como nacional, os trabalhos sobre violências nas escolas, recorrem a múltiplas associações das ocorrências com características e atributos das vítimas e dos agressores; ou com as distintas instituições e ambientes pelos quais circulam os jovens, que, por sua vez, têm dinâmicas sociopolíticas-culturais singulares.

Esta postura tem levado que em alguns estudos da forma de violência mais costumeiras em ambiente escolar, e a mais destacada foi o Bullying. Vale ressaltar que Santos (2004), destaca em sua pesquisa que no Brasil, a violência escolar alcançou tamanha dimensão que não pode ser visto apenas como um problema escolar mas como um problema social, a onde ela decore de uma rede de fatores socioeconômicos, políticos e culturais que se articulam, interagem e se concretizam nas condições de vida de grupos sociais e de áreas específicas.

De acordo com IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística na sua divulgação sobre a violência no país entre 1992 e 2004, a violência teve um aumento substancial onde houve mais de 7,7 as mortes para cada 100 mil habitantes sendo a região Sudeste, a mais rica do Brasil onde apresentou a maior taxa de mortes por homicídios.

Ainda de acordo com os dados do IBDE (2013), estado como o Rio de Janeiro apresentou em 2012 casos que levaram a morte jovem de 15 a 24 anos de idade por causa de violências 29.797 casos, e se comparado com os pais teve um aumento neste período de 9,6%. Tais dados de violência que levaram a óbito no país para indivíduos desta faixa etária são iguais a de países em guerra.

Por isso tornasse fundamental não apenas debochar e atacar qualquer tipo de violência que comece ou tem a sua frequência nas instituições escolares como o bullying, e preconceito racial.

1.3. Conceito de Bullying

A palavra Bullying vem da língua inglesa e foi adotada para exprimir o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa, etimologicamente ela é um verbo derivado do adjetivo inglês bully, compreendido como comportamento intencional, premeditado, sistematizado de agressão verbal, psicológica e física.

De acordo com Pereira (2002), o Bullying pode ocorrer de várias maneiras e em qualquer lugar, nas quais o agressor, usa constantemente as agressões verbais e comentários maldosos como forma de armas, mas isso não quer dizer que as agressões físicas e principalmente psicológicas não existam. É comum que os agressores provoquem o isolamento e a exclusão social do indivíduo dentro do grupo de convivência, fazendo-o sentir-se incapaz.

Já para Melo;

O Bullying como manifestação de humilhação de um estudante por seu sotaque regional ou pela forma como se veste. (...) a caracterização do Bullying praticado em sala de aula foi muito variada indo da sutileza à grosseria, da simplicidade à sofisticação tecnológica, do momentâneo e efêmero ao duradouro e estigmatizante” (MELO, 2010, p.13-14)

Olweus apud Bandeira (2010), caracteriza o Bullying como uma subcategoria na qual a agressão psicológica e física são ingredientes fundamentais destes agressores, sendo caracterizado pela repetitividade das ações agressivas, em suma pode-se dizer que ele e caraterizado por um comportamento agressivo e persistente com a intenção de causar dano

físico ou moral em um ou mais indivíduos, considerados mais fracos e incapazes de se defenderem.

Ainda de acordo com Melo (2010), a partir da década de 1970 pesquisadores e governos começam a olhar para o fenômeno Bullying com uma perspectiva científica. No Brasil, o estudo deste fenômeno iniciou-se nos finais da década 1990, com os reflexos dos trabalhos desenvolvidos na Europa, sobretudo na Dinamarca, Noruega, Inglaterra e Portugal. Autor ressalta ainda que a pesquisa de Bullying no Brasil foi desenvolvida pela professora Marta Canfield e seus colaboradores em 1997 em quatro escolas de ensino público do estado de Rio Grande do Sul, se tornando uma das pioneiras em pesquisar esta temática no Brasil, trazendo dados alarmantes do fenômeno no país.

Pesquisadores como Lopes Neto (2005), entre outros, vêm dando suas definições e contribuições a respeito desse tipo de comportamento, porém, até hoje todas as definições de agressão onde a incapacidade da vítima em se defender assemelha-se ao conceito de Bullying.

Outro ponto que a pesquisa demonstrou que este fenômeno não é exclusivamente na escola, ele pode ocorrer dentro de uma instituição de ensino, num condomínio, no local de trabalho e clube onde as relações pessoais e interpessoais possam ocorrer. Ele é um fenômeno mundial existente em todas as camadas da sociedade.

Menegotto (2013), desenvolve sua pesquisa relacionado a temática nas escolas e constatou após pesquisa mais de 14 no período de 2009 ao final de 2011, que alguns artigos têm apontado para a associação entre violência familiar e bullying. Ainda de acordo com a pesquisadora Pinheiro e Williams (2009) apud Menegotto (2013, p.04) “há uma associação direta entre violência intrafamiliar e o envolvimento em casos de bullying escolar, geralmente no papel de alvo ou alvo/agressor”

Ainda de acordo com a pesquisadora os estudos de Cristovam et al. (2010) apud Menegotto (2013, p.05), demonstrou que utilizar questionário em uma pesquisa é importantíssimo.

Utilizou questionários com estudantes do ensino fundamental para identificar a frequência com que ocorrem as situações de bullying, os locais de maior ocorrência, os motivos que levam à violência, a aceitação, os pedidos de ajuda e o conhecimento sobre a punição. Os resultados revelaram que 78,8% dos alunos participantes estiveram envolvidos em atos de bullying e que as vítimas de bullying apresentam mais problemas de saúde e uma tendência quatro vezes maior para o suicídio em comparação a outros escolares (MENEGOTTO, 2013, p.05).

Como já foi mencionado anteriormente, os estudos efetuados aqui no Brasil apresentaram valores muitos preocupantes, já que a violência na sociedade é um fenômeno que está presente nos diferentes seguimentos sociais e para compreendê-la é preciso olhar os diversos aspectos que envolvem o dia-a-dia da nossa sociedade e que fazem parte do nosso cotidiano, mesmo quando tais ações aparentemente não estão visíveis.

Segundo Cantini (2004) apud Bandeira (2010), é possível identificar alguns fatores que podem estar associados à ocorrência do Bullying, como fatores da personalidade, autoestima, dificuldades nas relações sociais, violência na escola ou fora dela, violência na comunidade, desajustes familiares, práticas educativas parentais, a pesquisadora Pinheiro e Williams (2009) apud Menegotto (2013, p.04) “há uma associação direta entre violência intrafamiliar e o envolvimento em casos de bullying escolar, geralmente no papel de alvo ou alvo/agressor”.

De acordo com a pesquisa desenvolvido por Cristovam et al. (2010) apud Menegotto (2013, p.05) em relação a temática, na qual ele aplicou questionários a estudantes de ensino fundamental a fim de identificar com que frequência ocorria situações de bullying, pode-se constatar que:

(...) a frequência com que ocorrem as situações de bullying, os locais de maior ocorrência, os motivos que levam à violência, a aceitação, os pedidos de ajuda e o conhecimento sobre a punição. Os resultados revelaram que 78,8% dos alunos participantes estiveram envolvidos em atos de bullying e que as vítimas de bullying apresentam mais problemas de saúde e uma tendência quatro vezes maior para o suicídio em comparação a outros escolares (MENEGOTTO, 2013, p.05).

Para autora, a escola desempenha um papel de grande importância no desenvolvimento social e constitui um espaço de convivência e aprendizagem, onde os adolescentes têm a oportunidade de expandir a sua rede de interação e relação social. Podendo elevar sua autoestima, fator que permitirá que eles sejam capazes de pedir ajuda quando ameaçados com comportamentos antissociais, incluindo conflitos interpessoais (BANDEIRA, 2009).

De acordo com as conclusões apresentadas na Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional de 2010 a autora conclui que:

(...) Bullying apresenta diferentes implicações na autoestima de meninas e meninos envolvidos nos diferentes papéis e variações de autoestima nos diferentes papéis para o mesmo sexo. Os resultados fornecem dados interessantes no que diz respeito ao Bullying e às diferenças entre os sexos. Os trabalhos que visam à prevenção e redução do Bullying devem ser estruturados tendo em mente as diferenças entre os sexos. É necessário que se aborde o Bullying de maneira diferenciada para cada papel e, em específico, para cada sexo. Sexo e gênero são importantes fontes de variabilidade no comportamento de crianças e adolescentes. Saber que meninos e meninas diferem no padrão de certos tipos de comportamento é o primeiro passo para o conhecimento a respeito dos mecanismos que podem produzir estas diferenças. Uma vez apontadas diferenças na autoestima de meninos e meninas nos diferentes papéis de Bullying, o conhecimento detalhado dos mecanismos subjacentes a cada papel se faz necessário, juntamente com a prevenção dos efeitos deletérios. Estudos futuros deveriam enfoca especificamente o Bullying entre as meninas, uma vez que este ainda é pouco investigado. Os dados obtidos através deste estudo visam a enriquecer e ampliar o conhecimento sobre o fenômeno Bullying, possibilitando um maior conhecimento acerca dos adolescentes e sua relação com seus pares. Este estudo buscou compreender o Bullying como um comportamento agressivo baseado e sustentado por valores culturais do contexto, assim como um modo de relação estabelecido entre pares (...) (BANDEIRA, 2010, p. 136-137)

Ainda de acordo com autora;

“(...) A escola desempenha um papel de grande importância no desenvolvimento social de crianças e adolescentes e não pode ser considerada apenas como um espaço destinado à aprendizagem formal ou ao desenvolvimento cognitivo. Portanto, a escola precisa se transformar, adaptar-se à realidade e às demandas culturais atuais e atuar no sentido de prevenir e controlar o Bullying, assim como outros comportamentos interativos inadequados e prejudiciais ao desenvolvimento, e não funcionar como um agente mantenedor do sofrimento psicológico dos envolvidos nessas situações” (BANDEIRA, 2010, p. 137).

A escola pelo fato de estar dentro da sociedade, interagindo no cotidiano do indivíduo deve refletir sobre a problemática da violência, sobretudo em combater as manifestações de violência através da prática do Bullying.

Outro fator que se deve aprofundar aqui são as vítimas do Bullying, nos estudos de OLWEUS (1993). Ele classificou os tipos de papéis desempenhados pelos seus protagonistas em vítimas como aqueles que sofrem ação violenta, vítima agressora aquele aluno que em alguma situação sofre a violência e em outra circunstância a reproduz, agressor como aquele indivíduo que vitimiza os mais fracos, o espectador aquele que presencia a agressão contra colegas, porém não a prática e nem sofre.

De acordo com Lopes (2003), a vítima de Bullying geralmente é escolhida por características físicas ou psicológicas que a tornam diferentes dos outros, características como obesidade, uso de óculos, sardas, baixa estatura, deficiência física, dificuldade de aprendizagem ou um sotaque de outra região ou país.

Neste sentido, quando se discute a violência como fator de ameaça à vida e a prática do Bullying no ambiente escolar, não se pode omitir ou dispensar a discussão de conceitos que podem gerá-las. Sem dúvida, a afirmação de minorias, a superação de preconceitos e dos estigmas, que por si só são indicadores que o processo de violência individual ou coletiva pode ser superado. Se tais concepções forem negadas pode-se dizer que os fatores geradores de violência irão gerar mais violência.

Olweus (1998), em sua pesquisa constatou que a prática do Bullying nem sempre é igual para meninos e meninas, apresentado sempre um diferencial entre os dois gêneros, mas apesar do diferencial esta ação agressiva e existente nata na forma psicológica como na forma física.

1.4. Vítimas de Bullying

Sabe-se hoje que indivíduos ao serem vítimas de Bullying, muitas vezes ficam impotente, com medo de combater tais comportamentos, adotando uma lei do silêncio que favorece a manutenção desta violência.

De acordo com Neto (2003), a vítima de Bullying geralmente é escolhida por características físicas ou psicológicas que a tornam diferente dos outros como a obesidade, baixa estatura, deficiência física, dificuldade no ensino – aprendizagem, o uso de sotaque, aspectos culturais, étnicos, religioso ou financeiro.

Ainda de acordo com autor o fato de sofrer Bullying não é culpa da vítima, pois ninguém pode ser responsabilizado por ser diferente, o fato de ser diferente seria apenas um pretexto para que o agressor satisfaça uma necessidade de autoafirmação e de agredir.

Goffman (1988), nas suas obras nos mostra como a sociedade estabelece meios que categorizam as pessoas de acordo com atributos que ela reconhece válidos para que sejam identificados como normais.

Para Olweus (1998), é raro uma criança admitir ser vítima, mas ela acaba transmitindo alguns sinais que podemos observar nas crianças: agressividade, mal-estar na hora de ir às aulas, melancolia e notas baixas podem indicar dificuldades de relacionamento na escola.

1.5. Preconceito Racial

O preconceito pode ser visto como uma indisposição, um julgamento prévio negativo que se faz de um indivíduo estigmatizadas por estereótipos (BRASIL 2014).

De acordo com o dicionário digital Dignificado (2015), se pode conceitua-lo como um resultado das frustrações, intolerância e de falta de conhecimentos de certos indivíduos que veem nas diferenças de outros indivíduos formas de hostilidades na tentativa de afirmar as suas opiniões, ainda de acordo com autor, o preconceito pode ser fruto de uma personalidade intolerante, porque são geralmente autoritários e acreditam nas normas do respeito máximo à tradição, e são hostis com aqueles que desafiam as regras estabelecidas (IBIDEM, 2015).

Para ele existem diferentes manifestações e tipos de preconceito, sendo as suas formas mais comuns são: o preconceito social, o preconceito racial e o preconceito sexual (IBIDEM, 2015).

De acordo com Ferreira (2000), aprendemos que preconceito é uma ideia pré-concebida ou mais precisamente, a suspeita, a intolerância.

A instituição escolar tem o papel de contribuir para a diminuição de qualquer tipo de agressão seja ela bullying, preconceito racial ou racismo, visto que, ela é um espaço de aprendizagem onde as transformações devem ocorrer de modo retificar as imperfeições sociais em prol da coletividade. De acordo com Lopes (2001), apud (MUNANGA, 2005, p. 189):

(...) a educação escolar deve ajudar professor e alunos a compreenderem que a diferença entre pessoas, povos e nações é saudável e enriquecedora; que é preciso valorizá-las para garantir a democracia que, entre outros, significa respeito pelas pessoas e nações tais como são, com suas características próprias e individualizados; que buscar soluções e fazê-las vigorar é uma questão de direitos humanos e cidadania. Dessa maneira é possível compreender a educação como um exercício de construção de conhecimentos, formando cidadãos críticos com outra mentalidade, perante o sistema, sua organização e relações sociais estabelecidas entre os sujeitos sob uma visão de país globalizado e ante-exclusivo.

Para Drouet (1995), o professor tem o papel fundamental na formulação do caráter e no aprendizado do mesmo, por esta razão ele deverá estar atento a qualquer comportamento estranho que possa afetar o seu desenvolvimento tanto cognitivo como moral. Só assim estando atento aos comportamentos estranhos que normalmente fogem da normalidade se

poderá perceber se um determinado indivíduo está ou não dentro do seu grupo social e se não estiver quais as causas da sua rejeição.

A instituição escola é considerada como um espaço onde ocorre a construção da identidade do indivíduo também pode desvalorizá-la, negando-a principalmente as crianças de cor negra, não se sentir acolhida, protegida de eventuais comentários maldosos que possam a levá-la a se isolar.

A escola sempre foi considerada uma instituição de seleção e diferenciação social e é um fato que não se pode negar a seletividade que está presente na prática institucional da escola, mas é o dever dela combater tais práticas através de informações clara que possam esclarecer o indivíduo das diferenças e da necessidade de tais diferenças sejam respeitadas porque o Brasil é um país multiétnico (ITANI, p.120-121 apud. AQUINO, 1988).

Vale ressaltar que apesar do Brasil ser um país multiétnico, de ter uma grande parte da parcela da população de origem negra ou indígena, não é raro encontrarmos pessoas sendo vítimas do preconceito racial, além das agressões morais que as ridicularizam através de frases, expressões pejorativas ou ditos populares como; “é coisa de índio”, “só pode ser negro”, “negro de alma branca”, “negro é a sujeira do mundo”, “negro é igual a urubu só presta longe”, entre outras expressões que ilustram a construção de estereótipos, de modo a identificar a predominância de elementos do preconceito e que apesar de muitas pessoas as considerarem engraçadas e humoristas e não preconceituosas.

É lamentável que notícias como estas ainda saiam pelos órgãos de comunicação relatado na manchete da Globo Online no dia 23 de janeiro de 2013 na qual fazia a seguinte denuncia de racismo “Casal acusa concessionária BMW de racismo contra filho de 7 anos no Rio”, ainda de acordo com a reportagem;

Uma ida à concessionária da BMW Autokraft, na Barra da Tijuca, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, na tarde de sábado (12), deixou o casal Ronald Munk e Priscilla Celeste indignado. Pais de cinco filhos, foram à loja acompanhados do caçula, de 7 anos, que é negro e adotado, em busca de um automóvel novo para família. Enquanto conversavam com o gerente de vendas sobre os carros, dizem ter sido surpreendidos com uma atitude preconceituosa do funcionário quando a criança se aproximou dos três. O BMW Group enviou uma nota ao G1 em que pede desculpas ao casal. O casal contou como foi a conversa do gerente. "Ele disse: 'Você não pode ficar aqui dentro. Aqui não é lugar para você. Saia da loja. Eles pedem dinheiro e incomodam os clientes'", contou a professora Priscilla, lembrando que o gerente não havia se dado conta de que o menino era filho do casal. "Imediatamente peguei meu filho pela mão e saí da loja. Somos clientes da concessionária há anos. Inclusive temos um vendedor que sempre nos atende. Esperamos dias por uma retratação, não tomamos nenhuma atitude imediata e não acionamos a polícia para preservar nosso filho", acrescentou (JORNAL GLOBO ONLINE, 2013, p.01).

De modo geral apesar dos avanços sociais e da legislação Brasileira no combate a este comportamento o papel da escola se torna fundamental no combate à qualquer forma de discriminação e preconceito. Ela é uma instituição responsável não só pela democratização do acesso aos conteúdos culturais historicamente construídos, mas também o de (co)responsável pelo desenvolvimento individual de seus membros em todos os aspectos, isto é, seja ele moral, étnico, social e cultural, objetivando a construção de uma sociedade na qual os seus cidadãos respeitam um aos outros de forma harmoniosa apesar das suas diferenças.

CAPÍTULO 2: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo apresentamos os resultados obtidos dos questionários e do grupo focal. A pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal Eduardo Siqueira de Lima no Município de São Domingos /SE (Fotografia – 01), que localizado na zona rural do município no Povoado Mangabeira, que oferece a Educação Infantil e Ensino Fundamental Menor no turno matutino.



Fotografia 1: Imagens da entrada e do Pátio da escola Municipal Eduardo Siqueira de Lima, 2015.

A escola foi construída no ano 1980 pelo ato de criação nº 07/81, em 15 de março, seu patrono é o Ex. Prefeito José Fonseca Lima. A escola possui 03 (três) salas de aula, 01 (uma) secretaria, 01 (uma) diretoria, 01 (um) banheiro para funcionários, 1 (uma) cantina, 2 (dois) sanitários para os alunos, um masculino e outro feminino.

A escola possui um corpo docente constituído de 3 professoras todas licenciadas em pedagogia, com 60 (sessenta) alunos distribuído somente no turno matutino desde o pré escolar até o 5º ano do Ensino Fundamental Menor.

Enquanto, o corpo discente da instituição a escola é composta por alunos de classe social baixa, pertencentes a famílias carentes, em cada família há, aproximadamente de 2 a 4 pessoas por moradia, os pais trabalham em profissões distintas e a renda familiar gira em torno de um Salário Mínimo para os discentes chegarem a escola, os meios de transportes utilizados são bicicletas e motocicletas, pois os mesmos residem em povoados.

2.1. Perfil dos alunos

Apresentamos a discussão do levantamento dos dados referentes a aplicação dos questionários, realizado com a autorização dos pais e encarregados de educação respeitando assim Lei nº 8069/1990 referente a Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

Foi efetuado pesquisa a 10 (dez) alunos da instituição na qual 05 (cinco) dos entrevistados eram dos sexos femininos e os outros 04 (quatro) de sexos masculinos e um integrante do sexo feminino que participou da pesquisa e não respondeu (gráfico – 01).

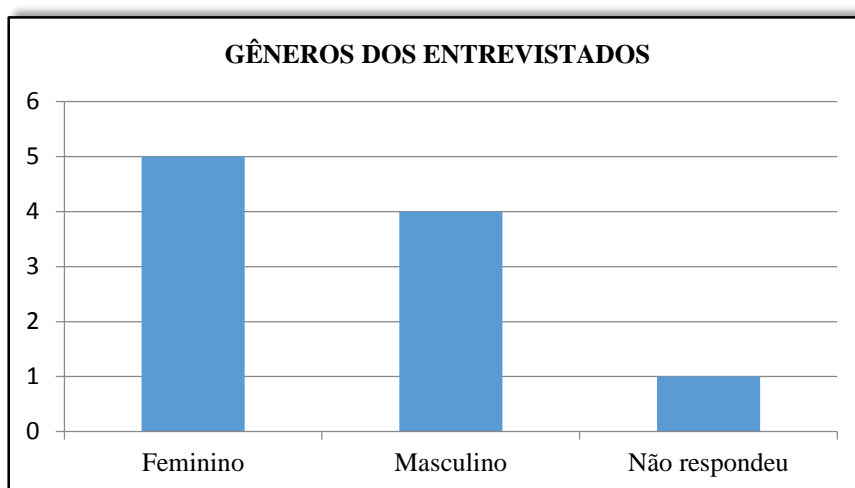


Gráfico 1: Gênero dos entrevistados.

A faixa etária que variou de 09 (nove) anos a 13 (treze) anos de idade. Questionados com quem eles residem descobriu-se que 80% dos alunos residem com os pais e 20% residem com os avôs (Gráfico – 02).

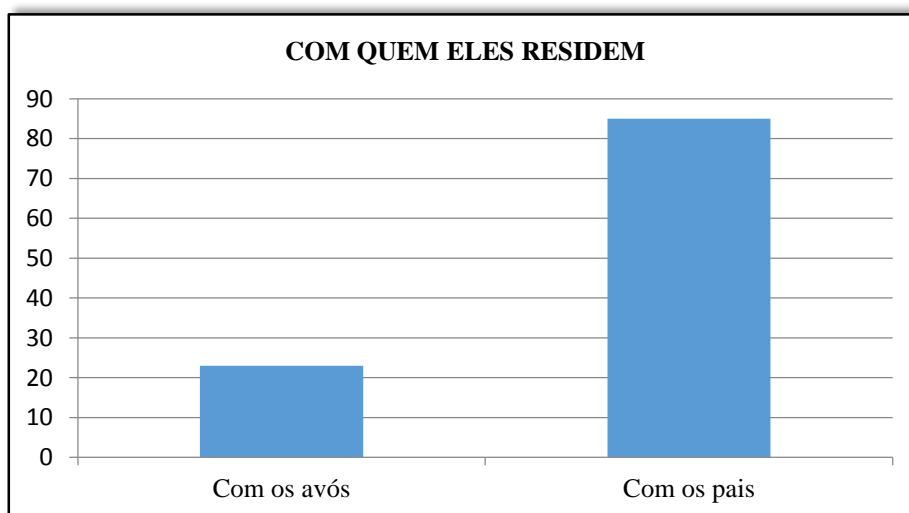


Gráfico 2: Com quem residem os discentes.

Questionados com quantos indivíduos eles moram constatou-se que em média eles residem em mais três indivíduos, contudo dois casos chamaram atenção de terem mais de seis indivíduos na residência. No que refere a nível de escolaridade do seus pais e encarregado de educação observou-se que 60% dos pais dos entrevistados tem ensino fundamental incompleto. Já outros 10% tem ensino fundamental completo e outros 10% não estudou. Outros 20% não é analfabeto (gráfico – 03).

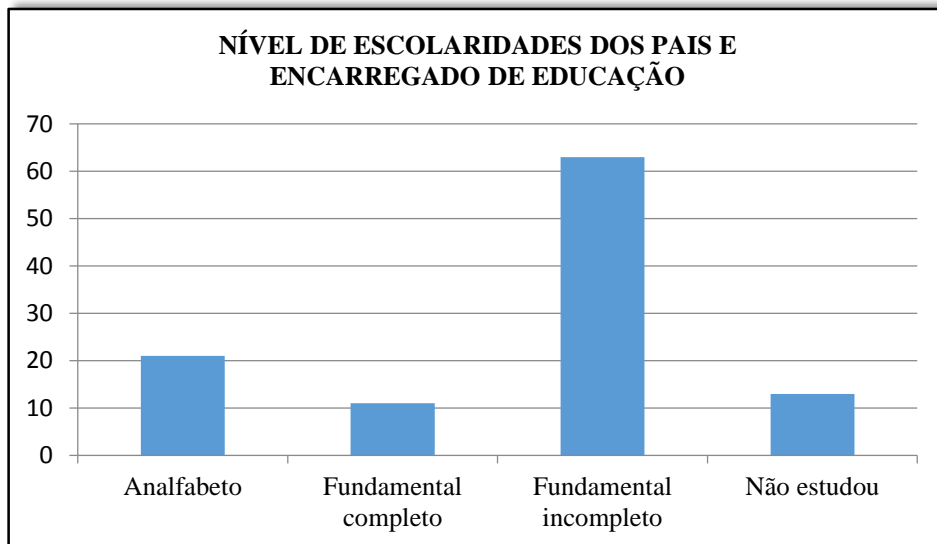


Gráfico – 03– Nível de escolaridade dos pais e encerrados dos alunos questionados

Questionados qual era o principal meio de transporte que eles utilizam para chegar à Escola, constatou-se que a 50% dos alunos vão para escola de bicicleta, outros 40% vão a pé e apenas 10% vão de motocicleta com os pais (gráfico – 04).

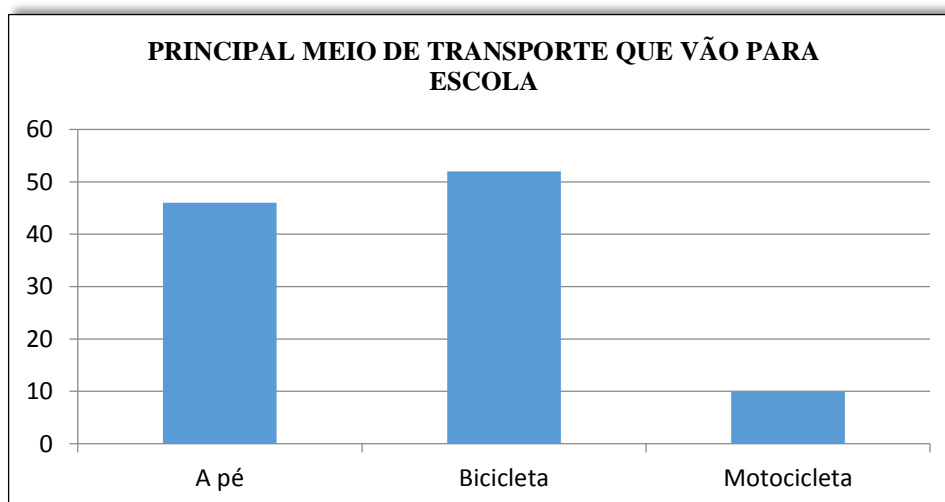


Gráfico – 04– Principal meio de transporte que vão para escola.

2.2. Os alunos e o ambiente escolar

Questionados como eles se avaliam o seu rendimento escolar, observou-se que 50% dos alunos questionados responderam que era muito bom, 10% que o rendimento era bom e 40% responderam que era regular (gráfico – 05)

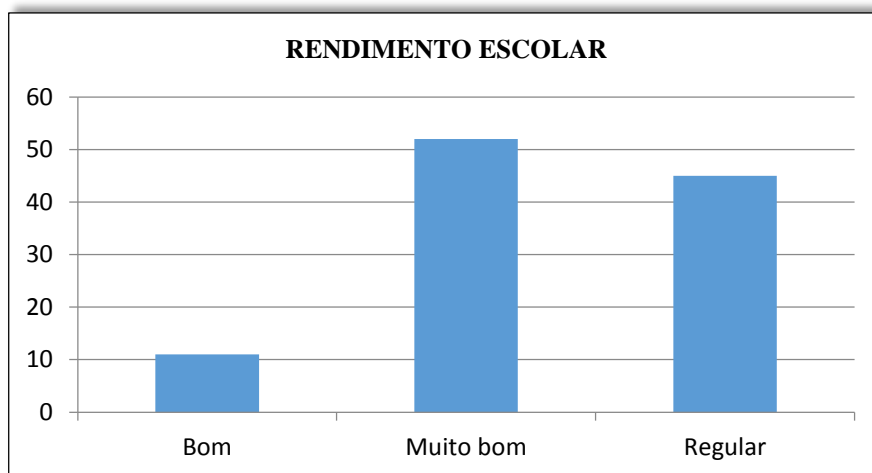


Gráfico – 05 – Rendimento dos alunos questionados

Questionados quanto ao tempo que eles dispõem diariamente para se dedicar ao estudo constou-se que 50% dos alunos afirmaram que eles dispõem diariamente uma hora para se dedicarem ao estudo, outros 50% afirmaram que dedicam mais de três horas para fazer revisão das matérias dadas e exercícios escolares pós as aulas. Indagados se eles tinham costumes de ler contactou-se que 100% dos alunos afirmaram que tem o hábito regular de ler. Quando solicitado a mencionar qual livros eles habitualmente liam obteve-se as seguintes resposta (gráfico – 06).

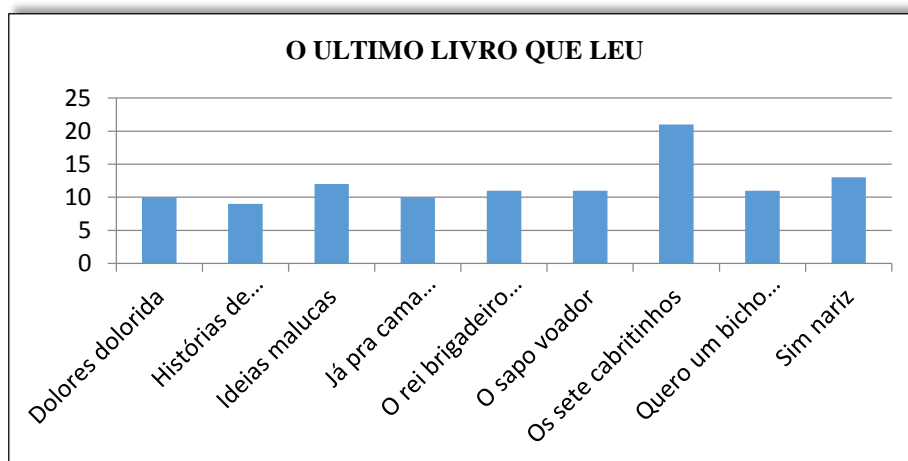


Gráfico – 06– O último livro que leram

Indagados se eles possuíam alguns problemas de relacionamento com os outros colegas a resposta de todos foi não, e questionado em relação a amizades se eles têm bons amigos no ambiente escolar, pode-se constatar que 10% responderam que não tinham nenhum amigo, 30% responderam um, 20% dois ou três, 20% responderam quatro ou cinco e mais de 30% responderam que tem mais de cinco amigos como nós podemos observar no gráfico 7 a seguir.

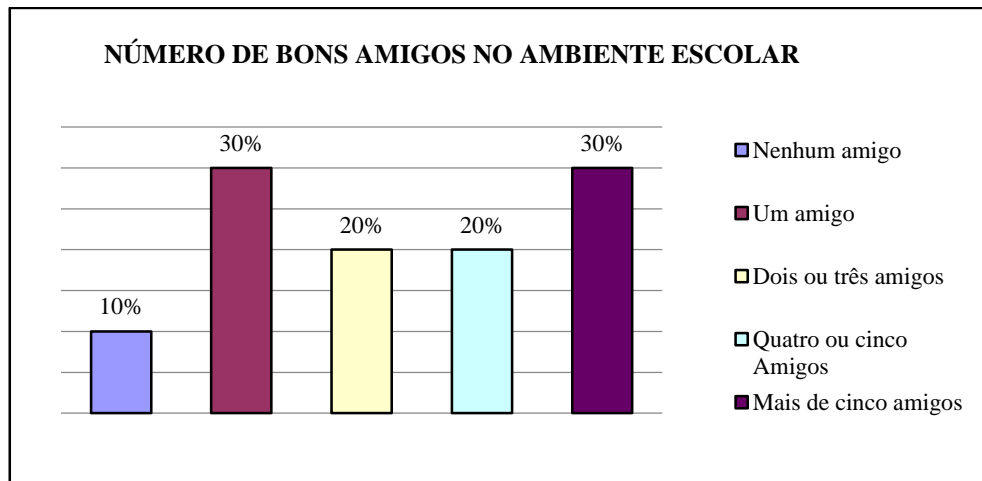


Gráfico – 07– Numero de amigos que eles têm no ambiente escolar.

Apesar da maioria dos alunos responderem que tem mais de cinco bons amigos estes dados ainda são preocupantes, já que 10% de alunos só têm um amigo, o que pode propiciar condições que permita a prática de preconceito, ou algum outro tipo de agressão no convívio escolar.

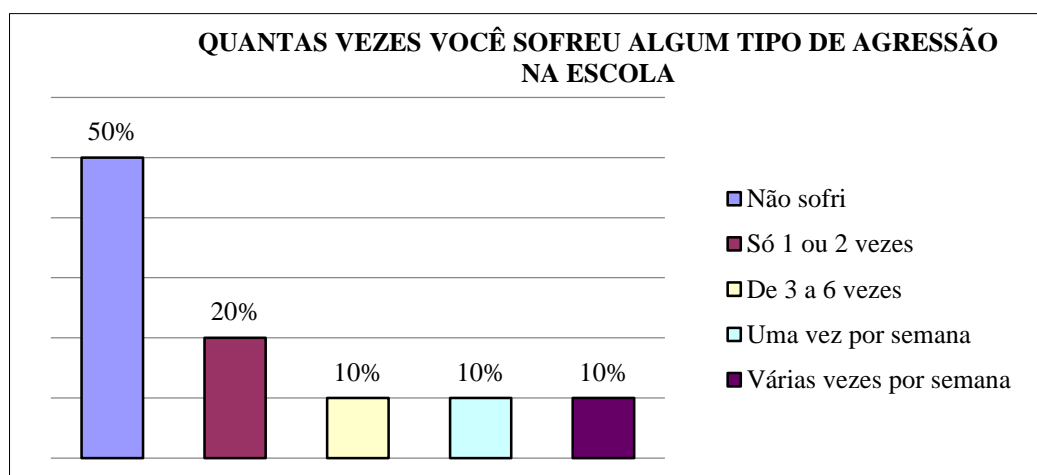


Gráfico – 08– Quantas vezes sofreu algum tipo de agressão na escola.

Como se pode observar no gráfico 08, isto é, quando eles foram questionados sobre quantas vezes que sofreu algum tipo de discriminação ou agressão na escola, constatou-se que a maior parte dos alunos (50%), nunca havia sofrido com esta forma de agressão; (20%) disseram que já sofreram uma ou duas vezes este tipo de agressão; (10%) afirmaram que sofreram de três a seis vezes e mais de 10% de alunos sofreram várias vezes por semana, já que bullying, também é um tipo de agressão.

De acordo com Pereira (2002 apud GOMES):

O caráter persistente do Bullying tem aspectos marcadamente negativos para as vítimas que são diretamente atormentadas no seu dia-a-dia e afetadas no seu rendimento escolar, mas igualmente pelos efeitos a longo prazo que lhe estão associados, tais como a depressão na vida adulta (2007, p.20).

Para Bandeira (2009), as provocações são repetidas pelos colegas ou amigos tem um caráter degradante e ofensivo, e é mantida apesar da emissão de sinais claros de oposição e desagrado por parte do alvo que muitas vezes tem que se calar das agressões sofridas por se sentir vergonha em comentar com pais, professores ou alguém que o possa ajudar.

Ainda de acordo com a autora apud Lopes (2005), quem sofre preconceito ou qualquer outro tipo de violência física ou moral não costuma a reagir porque se sente frágil, com um ato que muitas vezes e repetitivos em situações diferenciadas.

Conforme Olweus (1993), existe duas formas de o agressor impor estas práticas de agressão a suas vítimas, uma e normalmente de forma direta e outra de forma indireta. Na forma direta o agressor fala palavras ofensiva a moral ou algum aspecto físico do indivíduo por exemplo a sua cor. Já de forma indireta se encontra-se muito através de expressões como “e coisa de negro”, são expressões comuns mas com conotações pejorativas.

Este aspecto observado em cima nos remete as um outro problema, de saber que tipo de agressão estes alunos vêm sofrendo, já que a resposta da indagação anterior constatou-se a existência de agressões numa proporção considerado relevante, isto é, em mais de 40% dos alunos indagados. De este modo observar o gráfico a seguir nos permite ter mais informações sobre o tipo de agressões que estes alunos veem sofrendo.

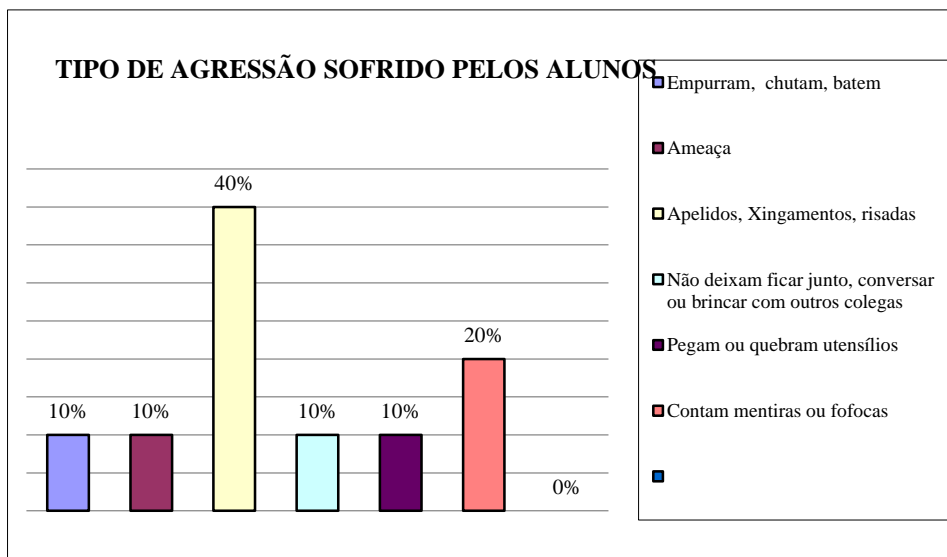


Gráfico – 09– Tipo de agressão mas sofrido pelos alunos.

Como podemos observar no gráfico – 09, apelidos, xingamentos e risadas é a forma de agressões mais frequentes sofridos por estes alunos, com uma percentagem de 40% do total de entrevistados. O que representa um número muito alto, já que as agressões morais podem comprometer a autoestima da vítima. Outro dado preocupante que este quadro na mostra é a prática de agressões físicas que atingem 10% dos entrevistados. O que demonstra a falta de vigilância, tantos dos professores como dos responsáveis educacionais deste espaço escolar.

De acordo com Neto (2005), vítimas, agressores e testemunhas enfrentam consequências físicas e emocionais de curto e longo prazo, as quais podem gerar dificuldades acadêmicas, sociais, emocionais e legais. Logicamente, as crianças e adolescentes não são atacadas de forma uniforme, mas há uma relação direta entre frequência e a duração dos atos de violência.

Para Borger (2007) apud Bandeira (2009), à frequência e tipos de agressão, variam muitos não podendo ser definida um padrão quando se leva em conta país, estado, língua ou cultura, sendo esta para ela o fator primordial na heterogeneidade nos comportamentos multifacetários deste tipo de agressão.

A frequência do agressor em muitos casos faz que a vítima não informe ou identifique o seu agressor com medo de represálias futuras. Pode perceber-se este fato quando indagamos aos alunos sobre o número de agressores que cometem agressões, já que 30% destes informam que não podem informar com medo de represálias.

E também observamos que este agressor pode ser um colega, seja da escola ou do bairro. De acordo com o gráfico – 10 podemos observar que os números de agressores variam muito, porém a figura do agressor, normalmente está ligado a alguém muito próximo.

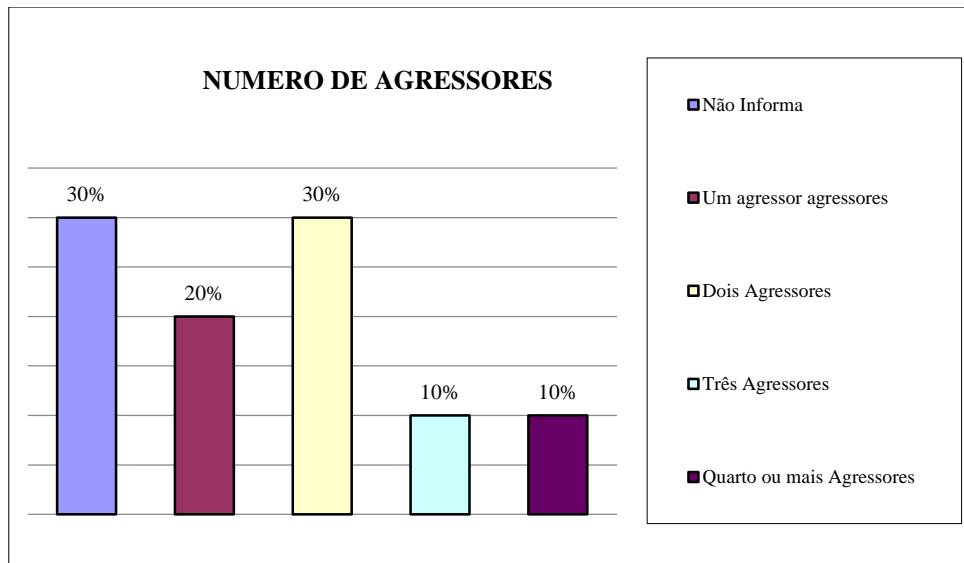


Gráfico – 10– Numero de Agressores.

Ainda de acordo com os resultados, podemos observar com relação ao gênero dos agressores, existe uma predominância do sexo masculino com 60% das respostas, 10% só pelo sexo feminino e 30% de ambos os sexos, estes dados ficam mais claros quando se abstrai a participação de cada um destes gêneros como podemos observar no gráfico 11.

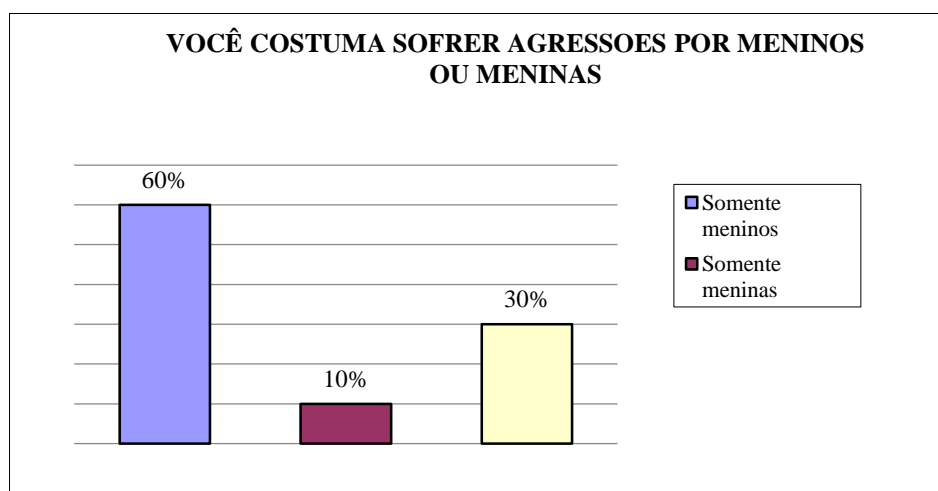


Gráfico – 11– Você costuma a sofrer agressões por menino ou menina.

Para Rappaport (1981), os estudantes do sexo masculino estão mais envolvidos com os atos violentos, no entanto de acordo com autor no que refere as vítimas frequentemente são de sexo feminino, contudo isso não queira dizer que as meninas não cometem atos violentos ou agressores em outros gêneros ou em outras meninas, apesar de serem comum ela exercerem através de fofocas atos de violência moral mais do que atos de violência física. O que se pode observar que tais práticas vêm levando a exclusão das suas vítimas.

Para Bandeira (2009), os meninos tendem a utilizar a agressão física, como chutes, empurrões e socos; enquanto que as meninas utilizam mais a agressão verbal, como apelidos e fofocas. Para ela, a diferença está no tipo de agressão e não na sua incidência entre os grupos.

Com relação às sensações que os entrevistados responderam ao se sentirem como vítimas eles declaram os seguintes sentimentos, 30% apresentaram sentimento de raiva, 20% responderam que ficaram preocupados sobre o que os outros pensariam dele, 30% ficaram assustados, 10% não queriam retornar à escola e apenas 10% não se incomodaram com o ocorrido (gráfico – 12)

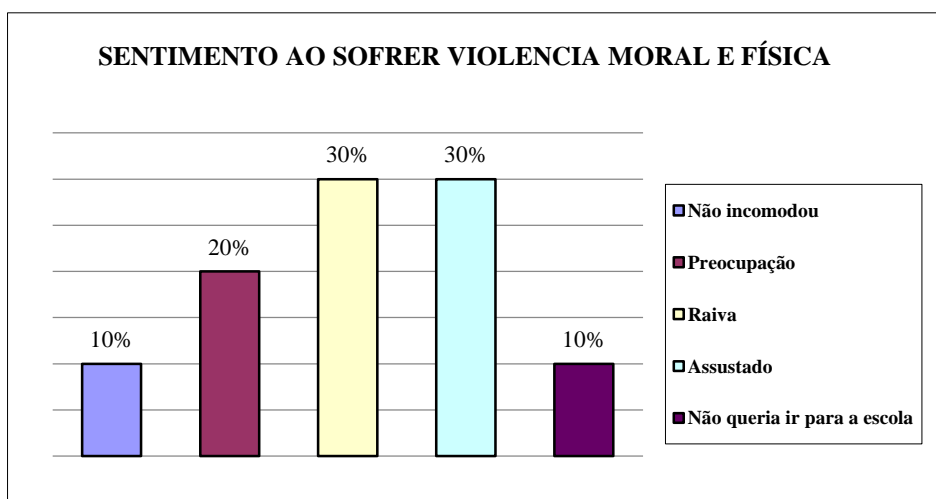


Gráfico – 12– Sentimento ao sofrer violência moral e física.

De acordo com Cantini (2004) apud Bandeira (2009), existe algumas características físicas, comportamentais, emocionais e sociais que podem torná-lo mais vulnerável à ação dos agressores, isto é, o fato por exemplo de a vítima ter poucos amigos, ser passivo, retraído e possuir baixa autoestima podem aumentar a probabilidade de ele ser uma vítima. Ainda de acordo com autora as adolescentes vítimas de agressões físicas ou moral costumam sentir vulnerabilidade, medo ou vergonha intensos e uma autoestima cada vez mais baixa.

A maior parte das agressões de físicas ou moral é efetuada na presença de algum colega ou de alguns alunos, partindo deste pressuposto questionou-se ao aluno qual a sua reação ao observar uma relação a ela (gráfico – 13).

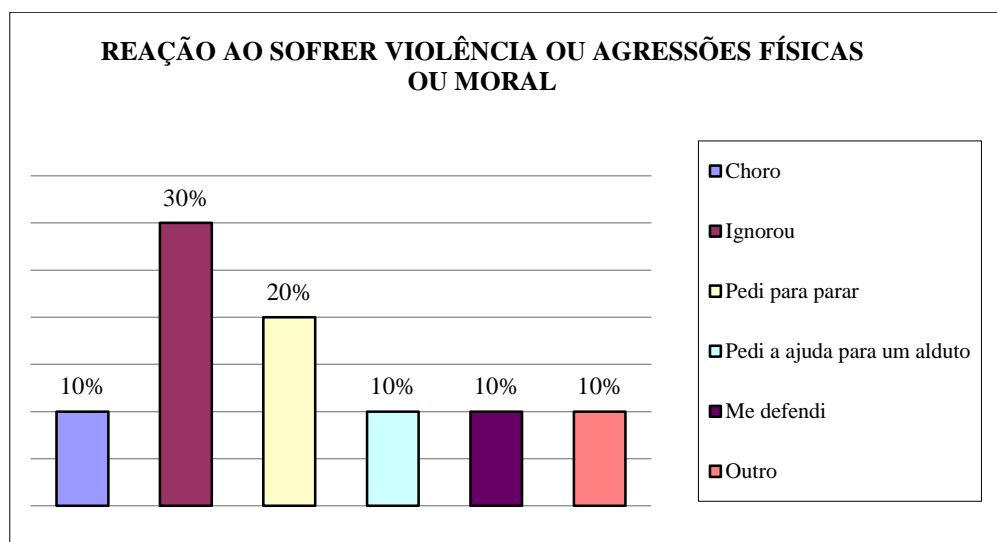


Gráfico – 13– Relação ao sofrer violência ou Agressões Físicas ou Moral

Além destas reações, existem jovens que não sabem se proteger, nem se defender destas formas de agressões, neste caso, é importante que alguns colegas ou professores busquem ajuda e tentem impedir tais atos.

Bandeira (2009), lembra que tais atos de agressividade nas escolas é um problema universal, a vitimização representam diferentes tipos de envolvimento em situações de violência durante a infância e adolescência, assim compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angústia se torna fundamental para ultrapassar a dificuldade da inter-relação entre os indivíduos de culturas diferentes.

Quando indagados se alguns colegas tentaram impedir que o agressor prosseguisse com a prática, constatou-se que 30% dos estudantes indagados não tentaram nada o que representa um fato grave já que ser omissos a um ato de agressão física, moral ou psicológica de forma direta ou indireta e tomar parte do mesmo. Outros 20% não fizeram nada porque não sabia do que estava ocorrendo. 10% dos alunos afirmaram que alguns alunos tentaram impedir atos de violência. No entanto pode-se observar que 40% dos entrevistados não responderam esta questão, (gráfico – 14).

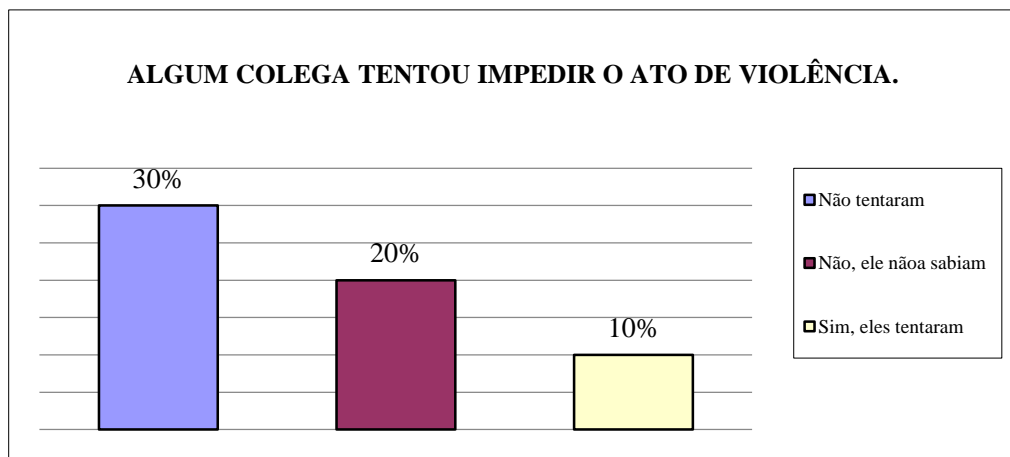


Gráfico 14 – Algum colega tentou impedir o ato de violência.

De acordo com Camargo (2011) as pessoas que testemunham o ato de agressão moral e física, na grande maioria, alunos, convivem com a violência e se silenciam em razão de temerem se tornar as próximas vítimas do agressor. No espaço escolar, quando não ocorre uma efetiva intervenção contra este tipo de violência, a situação tende a se reproduzir cada vez mais.

Para Chalita (2008), ninguém gosta de viver a violência, nem como professor, nem como aluno, nem como vítima, nem como agressor, tampouco como testemunha de atos desumanos. Cada qual escolhe agir de acordo com as habilidades que desenvolveu e modelos que conheceu; todos querem se sentir feliz protegido e acolhido, ter sua importância e talentos reconhecidos e valorizados.

Bandeira (2009) afirma que as testemunhas de violência moral e física se omitem por três razões: por não saber o que fazer por medo de se tornar a próxima vítima ou medo de fazer algo errado e causar ainda mais problemas. Porém, essa atitude de omissão diante de situações de pode contribuir para outras situações ainda mais agravantes.

Este tipo de atitude pode favorecer a continuidade deste ato, por isso se indagou o porquê que alguns colegas fazem tais práticas contra outros colegas e a resposta da indagação além de nos provocar indignação traz preocupação como se pode observar o gráfico 15 a seguir.

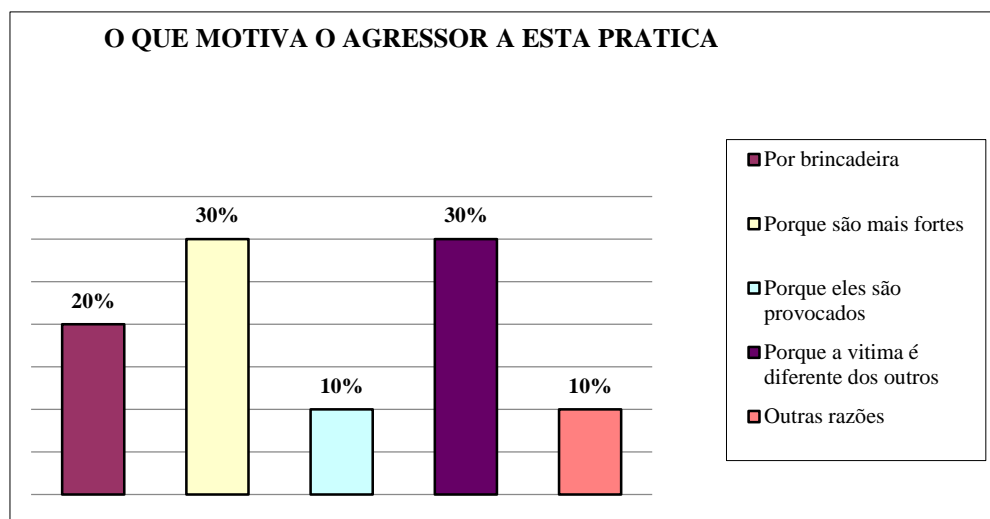


Gráfico 15– O que motiva o agressor a esta pratica

O fato de o agressor ter a iniciativa na prática de violência moral e física, não é necessariamente porque exista um motivo aparente que possa padronizar este tipo de comportamento. De acordo com a leitura do gráfico acima, observa-se que há uma predominância quanto àqueles que não sabem o motivo da prática deste ato agressivo, por brincadeira ou porque a vítima é diferente (discriminação).

Bandeira (2009), destaca o agressor como um indivíduo que procura poder e liderança dentro do grupo de iguais. Reiterando a ideia de que, os autores de tais se utilizam da agressão como forma de solidificação de sua posição na hierarquia do grupo a que pertencem.

Estes fatos nos chamam atenção, por representar uma falta de postura em observar o outro com o mesmo respeito que o mesmo gostaria sentir de outras pessoas. Percebe-se aqui, a ideia de “crise” de valores morais e éticos, não em uma sociedade, mas em um grupo pequeno de indivíduos.

Como se pode observar no gráfico -16 nota-se que as respostas variaram e vários sentidos já que alguns indivíduos responderam que nunca viu ninguém sofrendo este tipo de agressão 40%, no entanto a reação dos que viram apresenta um percentual elevado o que demonstra a indignação das pessoas para este tipo de atitude.

Mas um dado nos chamou certa apreensão já que apenas 10 %, destes indivíduos pediram ajudas para a direção, professores ou funcionários da escola, o que representa um percentual muito pequeno já que maior parte destas agressões ocorrem na escola.

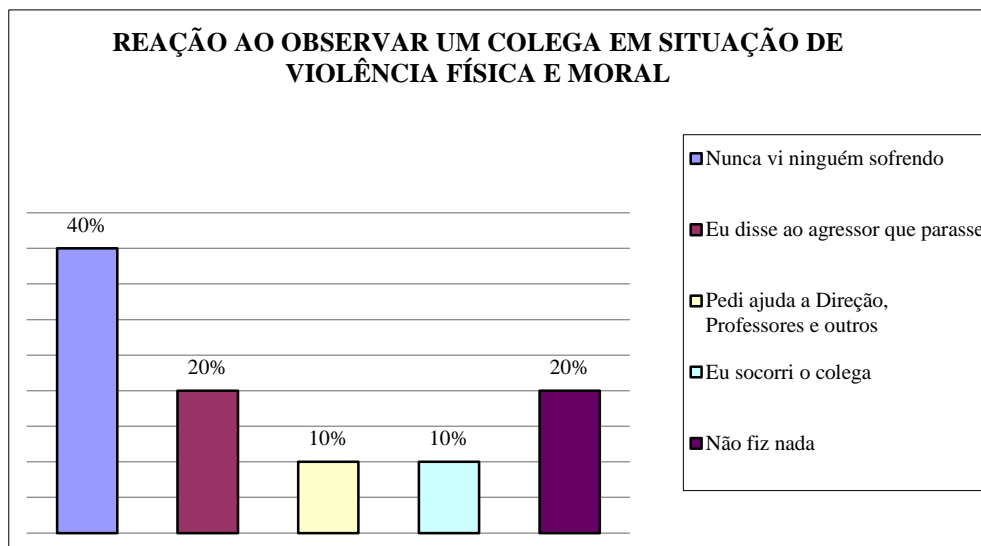


Gráfico – 16– Reação ao observar um colega em situação de Violência Física e Moral

Berger (2007), afirma que a maioria dos alunos que não fazem nada, geralmente se cala por medo de se tornarem a próxima vítima, por não saberem como agir diante de uma situação de violência física e moral ou por não acreditarem nas atitudes da escola. Mas, isso não justifica a atitude.

Para Lopes (2005), alguns sintomas podem ser identificados em vítimas de violência física e moral, como enurese noturna, alterações do sono, dor epigástrica, desmaios, vômitos, dores nas extremidades, paralisias, queixas visuais, síndrome do intestino irritável, anorexia, bulimia, isolamento, tentativas de suicídio, irritabilidade, agressividade, ansiedade, perda de memória, histeria, depressão, pânico, relatos de medo, resistência em ir à escola, mau rendimento escolar e atos deliberados de autoagressão.

Para Bandeira (2009), a escola desempenha um papel de grande importância no desenvolvimento social de crianças e adolescentes possibilitando ele a convivência e aprendizagem, ela proporciona a experiência de relações de hierarquia, vivências de igualdade e convívio com as diferenças, que dentre outras, terão influência estruturante na formação do indivíduo.

Ainda de acordo com a autora é neste ambiente que as crianças e os adolescentes têm a oportunidade de expandir sua rede de interações e relações para além da família, desenvolvendo autonomia, independência e aumentando sua percepção de pertencer ao contexto social. Neste ambiente escolar também serve como cenário de vários processos e fenômenos grupais, dentre eles a violência escolar. O termo violência escolar se refere a todos

os comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio e atos criminosos (BANDEIRA 2009).

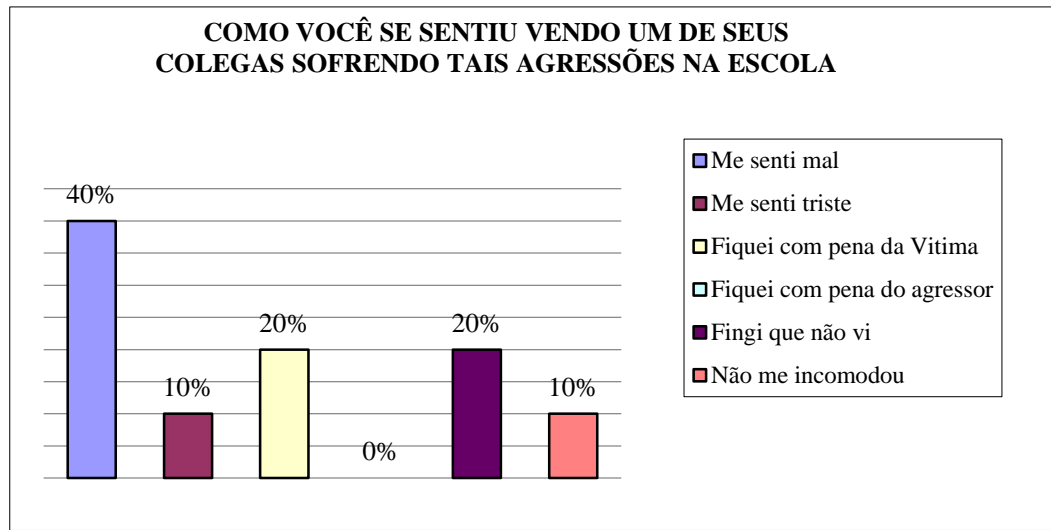


Gráfico 17– Como você se sentiu vendo um dos seus colegas sofrendo tais agressões na escola.

Como se pode observar no gráfico 17, sobre a indagação os alunos como eles se sentiram vendo um de seus colegas sofrendo violência física e moral na escola, percebeu-se que as resposta das indagações demonstra claramente a heterogeneidade da vida, se por um lado a escola e um local onde se busca o convívio com o diferente, a repulsa em atos violentos, também e na escola onde se pode observar os primeiros comportamentos agressivos que surgem com a interação social.

De acordo Bandeira (2009) apud Grebb (1997), o comportamento agressivo estaria relacionado a conflitos despertados pelo ambiente interpessoal, que, associados ou não a um comprometimento orgânico ou neurológico, agem de forma a fortalecer os impulsos agressivos. Quando tais impulsos não são regulados, devido a uma baixa capacidade de autocontrole ou fragilidade intrapsíquica, eles podem dar origem a comportamentos de risco psicossocial, sobretudo com manifestações de violência.

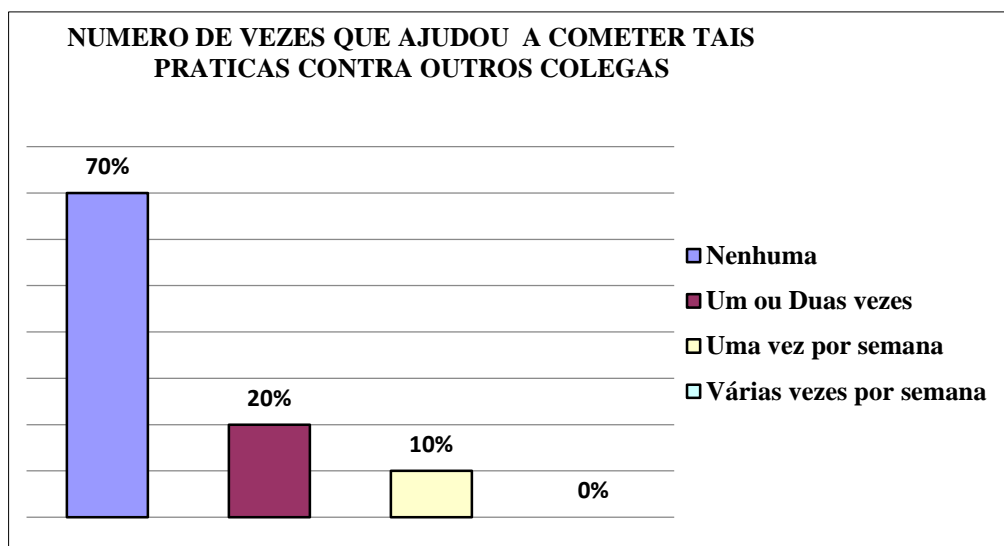


Gráfico – 18– Número de vezes que ajudou a cometer tais práticas contra outros colegas.

Os números apresentados acima mostram que poucos indivíduos participam em atos que possa levar a prática de violência física e moral. Mas isso não quer dizer que não exista alunos que ajudam a praticar violência física e moral contra outros colegas, tornando-se cúmplices desse ato egoísta e destrutivo, o que representa uma situação delicada, já que tais atos podem levar a consequências devastadoras.

De acordo com o gráfico 18 constatou-se que apesar de um grande número de alunos 70% dos indagados afirmarem que nunca fizeram tais práticas percebe-se que neste momento ainda quase 30% dos indagados já envolveram de algum modo com esta prática.

De acordo com Lopes (2005), a violência física e moral conhecida por bullying é tipicamente popular e vê sua agressividade como uma qualidade, o qual sente prazer em dominar, controlar e causar danos aos outros. Geralmente, o agressor é mais forte que seu alvo e busca poder e liderança dentro do grupo de iguais.

Diante destes pressupostos, podemos descrever o agressor como um indivíduo que procura sempre manter o controle social. Logo, buscam aumentar sua popularidade com atitudes agressivas, sendo bem aceitos pelos colegas do grupo a que pertencem.

Tais atitudes mostram que estes agressores são inconstantes e perniciosos em relação às suas vítimas. Segundo Bandeira (2009), estudos revelam a associação de jovens agressivos em idade escolar, com posterior atitude de criminalidade, sendo uma questão muito séria a ser considerada por pais e profissionais de educação.

A falta de uma política de vivência comunitária de acordo com Camargo (2011) pode levar as crianças ou adolescentes que sofrem preconceito a se tornar adultos com sentimentos negativos e baixa autoestima, na qual eles tendem a adquirir sérios problemas de relacionamento, podendo, inclusive, contrair comportamento agressivo. Em casos extremos, a vítima poderá tentar ou cometer suicídio como forma de fuga da realidade que ele está vivenciando.

Para Camargo (2011), os atos ferem princípios constitucionais respeito à dignidade da pessoa humana e ferem o Código Civil, que determina que todo ato ilícito que cause danos a outrem gera o dever de indenizar. O responsável pelos atos pode também ser enquadrado no Código de Defesa do Consumidor, tendo em vista que as escolas prestam serviço aos consumidores e são responsáveis por atos que ocorram dentro do estabelecimento de ensino de ensino.

Estes dados demonstraram que não se podem fechar mais os olhos sobre este fenômeno, já que durante a aplicação dos questionários percebemos que os alunos mostraram interessados quanto à realização das entrevistas e aplicação dos questionários.

CAPÍTULO 3: PLANO DE AÇÃO EDUCACIONAL

3.1 Apresentação e Justificativa

Historicamente, a questão ligada a discriminação ligados a cor, ou posição social foi muito forte no Brasil, apesar de ele ser um país a onde a pluriatividade cultural é uma realidade. Apesar de muitas décadas de lutas e de leis que vem coibir tais práticas, o que se observa ainda hoje elas existem, muito indivíduo ainda tem ações ou praticas antissociais, contudo o que vem mudando e que estas ações não são tão abertas como acontecia anteriormente.

Uma forte aliada neste combate e a educação, ela em seu sentido geral é um fenômeno que permite o crescimento do indivíduo, a tomada de consciência, visto que e através do processo educativo que o indivíduo se apropriam do conhecimento e da cultura já produzidos pelas gerações precedentes a fim que ter noções de erros já cometidos e tentar corrigi-los.

É na convivência com seus pares que o homem se humaniza, se torna homem. Para Saviani (2008, p.13) “A educação é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo, singular, a humanidade que é produzida historicamente e coletivamente pelo conjunto dos homens”.

Nesse sentido, a escola é o lugar, ou melhor, a instituição que tem como papel fundamental a socialização do saber sistematizado. Saviani (2008, p. 15) ao abordar a função da escola afirma que a escola existe para “(...) propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber”.

Na sociedade contemporânea o acesso a informações vem permitindo um maior esclarecimento de comportamentos antissociais como que podem levar a racismo cultural, social, econômico ou a extrema violência. Vale salientar que a violência ou comportamento violento dentro ou fora da instituição escolar deve e pode ser combatido através de ações de esclarecimentos que permita que o indivíduo agressor ou agredido possa ter a noção das consequências e das penalidades legais que tais ações podem levar.

Assim, pode-se dizer que o combate a qualquer tipo de preconceito e ação e violentas é um problema sério que merece atenção e enfrentamento por parte do poder público, da família e dos educadores.

Na Escola Municipal Eduardo Siqueira de Lima no Município de São Domingos /SE, a onde o projeto de intervenção será desenvolvido, o problema de preconceito e ação violenta é uma realidade, por ela estar localizada em uma área de risco. Cabe enfatizar que esse problema a cada ano que passa só tem se agravado, a medida que se observa-se que na região ouve um aumento de criminalidade, de algumas famílias destruídas o que leva a consequente da degradação de valores morais que podem estar a elevação destes comportamentos antissociais.

Diante de tal realidade, tomamos a iniciativa de desenvolver um trabalho de intervenção nesse quadro após observarmos que durante anos seguidos uma porcentagem relevante de ações que possam no futuro comprometer a educação que almejamos para nossos futuros homens e mulheres de manhã.

Após esta constatação, e, conhecendo bem a realidade do colégio nos vemos na obrigação de como educadora buscarmos alternativas para o enfrentamento dessa questão.

Sabemos que o problema não é só de responsabilidade da escola e dos educadores, é um problema que tem as raízes na própria forma como a sociedade está organizada, porém a escola não pode manter-se alheia, ela precisa assumir a sua parcela de responsabilidade daí a importância de projetos dessa natureza.

3.2. Objetivo Geral

Analisar e investigar quais os fatores que vem contribuindo para comportamentos antissociais, como o preconceito e a ação violentas dos alunos que estudam na Escola Municipal Eduardo Siqueira de Lima no Município de São Domingos /SE, identificando as causas que dizem respeito à atuação da escola, para posteriormente intervir nessa realidade.

3.2. Objetivos Específicos

- Realizar uma reflexão fundamentada sobre a temática, sobretudo o preconceito e violência na instituição escolar;
- Analisar a frequência deste tipo de comportamentos dentro da instituição;
- Efetuar palestras ou oficinas explicando as gravidades ou consequências de tais ações;
- Propor um trabalho de formação com a comunidade escolar com o intuito de conscientizá-la do problema e envolvê-la na superação do mesmo.

DIMENSÃO	INDICADOR	PROBLEMAS	O QUE FAZER	RESPONSÁVEIS	PRAZO
Ambiente Educativo	Combate a discriminação	Relato de preconceito e discriminação por parte dos colegas de classe.	Encaminhar a professor ou diretor da instituições para conhecimento e tomada de medidas .	Direção, coordenação, professor	Primeiro semestre letivo do ano e reapresentado durante todo o ano.
			Realizar o projeto De conscientização que permita sanar tais comportamentos	Professores e coordenação	Durante o semestre
			Ciclo de leituras de textos e livros e trabalhem a questão do preconceito.	Professores	Segundo semestre letivo

DIMENSÃO	INDICADOR	PROBLEMAS	O QUE FAZER	RESPONSÁVEIS	PRAZO
Ambiente Educativo	Combate a violencia e a discriminação	Agregção física depois de ofenças de preconceito e discriminação	Encaminhar a professor ou diretor da instituições para conhecimento e tomada de medidas. Informar os pais e os encaregados de educação do ocorrido. Informar a conselho tutelar da ação violenta ocorida na Instituição para que	Direção, coordenação,	Primeiro semestre.

o ou os agressores tenham um acompanhamento psicologico adquando.

DIMENSÃO	INDICADOR	PROBLEMAS	O QUE FAZER	RESPONSÁVEIS	PRAZO
Ambiente Educativo	Combate a violencia e a discriminação moral	A aluno relata ter sofrido Bullying atraves de ofensas a sua forma de de vestir.	Encaminhar adireção da instituições para conhecimento e tomada de medidas.	Direção, coordenação,	Primeiro semestre.
			Palestras sobre o tema Bullying as suas causas tanto nas vitimas como para os agressor.	Coordenação	Durante o ano letivo
			Encaminahr tanto a vitima como o agressor para um encaminhamento psicologico.	Direção e os pais e responsaveis legais	Durante o ano letivo

3.3. Estratégias de Ação

O Projeto de Intervenção Pedagógica será desenvolvido com estudantes da Escola Municipal Eduardo Siqueira de Lima No Município de São Domingos /SE, durante todo o ano letivo. Todas as Estratégias de Ação serão desenvolvidas a partir de um projeto de pesquisa dentro da instituição levando em conta os levantamentos dos problemas detectados e conseqüente a adoção de medidas que possam sanar ou conscientizar tanto os alunos ou encarregados de educação sobre o problema.

3.3.1. Ação 1: Ambiente Educativo

Objetivo: Analisar a melhor forma de esclarecer o aluno que qualquer tipo de ação discriminatória ou preconceito e considerado crime de acordo com a legislação vigente. Partindo deste princípio e de que todo indivíduo é igual a outro independentemente da cor ou religião, para se viver em sociedade a não há motivo de ter tais comportamento num país formado por várias culturas.

Metodologia: Iniciando trabalho de conscientização através do diálogo, demonstrando a necessidade de realizar trabalho conjunto com todos os interessados, seja ele professor, gestor, aluno e pais, cujo objetivo é informar que ações preconceituosas e crime. Faremos também um estudo de textos e filmes para discutir com professores e alunos a melhor forma de lidar e combater tais ações.

3.3.2. Ação 2: Ambiente Educativo

Objetivo: informar que qualquer tipo de violência seja ele física ou moral e crime, independentemente do local tais ações sejam cometidas.

Metodologia: trabalhar a especificidade histórica da cultura popular negra dentro das discussões da Lei Federal nº 10.639/2003, apresentando cartaz de esclarecimento, que permita elucidar que ser diferente é muito bom por trazer mais oportunidades de nos

aprendermos coisas novas, de nos interagir nos novos laços culturais que fazem parte da nossa cultura.

3.3.3. Ação 3: Ambiente Educativo

Objetivo: Discutir os preconceitos e os estereótipos em relação aos jovens, deste a forma de vestir a estilo de música que ele possa querer aderir.

Metodologia: fazer palestras, oficinas, trabalhos dinâmicos que permita elucidar os alunos para as consequências do Bullying.

PROJETO: CONSCIÊNCIA NEGRA NA ESCOLA

Tema: A escola como espaço de discussão da cultura Hip Hop – na busca da identidade cultural africana.

Tempo de execução: De 01 de Novembro de 2015 a 20 de Março de 2016 Cento e vinte dias

Características: Projeto interdisciplinar.

BLOCOS TEMÁTICOS

História, cultura e diversidade: a formação da sociedade brasileira e a influência da cultura negra de HiP Hop.

Direitos humanos e igualdade: luta pelo respeito e valorização dos afrodescendentes contra os preconceitos.

Educação e identidade: conhecimento e promoção da nossa identidade cultural e étnica.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

O conteúdo deste projeto tem como finalidade a conscientização, o conhecimento e a valorização dos afrodescendentes em sua história, cultura e identidade. Medida já regulamentada pela aprovação da Lei Federal nº 10.639/2003, que instituiu o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nos currículos escolares como sendo obrigatório.

Diante desse contexto é que se justifica a importância deste projeto, que pretende promover discussões envolvendo temas desta natureza no ambiente escolar, oportunizando aos estudantes envolvidos a tomada de consciência da sua cidadania, bem como o reconhecimento e a valorização das múltiplas diversidades existentes na sociedade.

Porque só existirá a respeitabilidade, por partes de indivíduos que através de qualquer forma tem ações ou comportamento preconceituosas ou racista porque eles não conhecem bem as suas raízes.

Desta forma procuramos trazer uma discussão sobre o conhecimento e sobre a valorização da diversidade, em especial a social e cultural, como um conhecimento que valorize e promova respeito à diversidade de nosso país.

DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES

ATIVIDADE	METODOLOGIA
Leitura	Os alunos farão leituras de poemas, romances, música e livros que abordem a questão da cultura negra.
Palestras	Os alunos assistir e participar da palestra promovida por palestrantes convidados que abordarão os temas do projeto.
Apresentação Teatral	Os alunos deverão elaborar, ensaiar e desenvolver uma peça de teatro.
Apresentação musical	Os alunos deverão escolher uma música que se enquadre no tema e elaborar uma coreografia e apresentá-la (exemplo kuduro, batucada, samba de coco).
Exibição de um filme	Exibição de um pequeno filme ou documentário. (ver acervo da TV Escola).
Criação de um álbum, jornal ou revista	Os alunos deverão criar um álbum, jornal ou revista com glossário com palavras de origem africana, curiosidades sobre o povo africano e atualidades.
Pesquisa e elaboração de cartazes	Pesquisa e elaboração de cartazes sobre músicas tipicamente africanas.
Pesquisa e	Pesquisa e elaboração de cartazes sobre pessoas e celebridades

elaboração de cartazes	africanas (esporte, música, política, cinema, etc).
Pesquisa e elaboração de cartazes	Sobre a situação da saúde da população negra, levando em consideração aspectos políticos, econômicos e culturais, relacionando a epidemias /endemias.
Pesquisa e elaboração de cartazes	Apresentar dados do IBGE sobre a população negra brasileira (renda, escolaridade, mercado de trabalho etc).
Panfletos e cartazes	Uma turma deverá desenvolver um modelo de panfleto e cartaz para a divulgação do evento.

FECHAMENTO DO PROJETO

Ao término do projeto, os alunos, orientados pelo professor responsável pela turma, deverão expor todo o trabalho produzido para demonstrar parte do conhecimento adquirido e demonstrar as atividades desenvolvidas para registro e avaliação. As exposições serão montadas, juntamente com as apresentações de música, teatro e dança que seguirão a programação logo após a realização das palestras e apresentações de vídeo.

AValiação

A avaliação da aprendizagem ocorreu de forma processual e contínua, indo de encontro com a filosofia da instituição. Desse modo, a avaliação foi encarada como um processo fundamental onde se busca avaliar se a metodologia usada era adequada a cada situação, a percepção dos alunos, como o nosso envolvimento com o conteúdo trabalhado na sala de aula.

É necessário lembrar que para alcançar os objetivos da aula precisa-se planejar os recursos, avaliar a turma, para adequar as estratégias e metodologias de acordo com a realidade da turma.

Os alunos serão avaliados e acompanhados por uma ficha de avaliação que será disponibilizada para os professores presentes no fechamento do projeto. Serão atribuídos critérios que deverão ao todo conter a pontuação de 0 a 3 (de zero a três) ponto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei Federal nº 10.639. de 9 de janeiro de 2003. Institui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, Programa Ética e Cidadania: construindo valores na escola e na sociedade-relações étnico raciais e de gênero – Brasília, 2007

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fundamental destacarmos que o Brasil é um país multiétnico e desde sua “descoberta e colonização”, a luta pelo respeito às diferenças é constante no decorrer do nosso processo histórico. Assim, mesmo tendo leis rígidas sobre ações que possam levar a práticas de preconceito racial ou violência moral e física e um indivíduo, isto não indica que tais práticas são anuladas, pois persistem no nosso dia a dia. Apesar dela não ser tão evidente como nas outras épocas é comum observamos em grande mídia de casos que chamam ou vem chamando a atenção da sociedade que tais exemplo devem ser banidos da nossa convivência.

Durante a pesquisa se pode reforçar a concepção que o único caminho para que estes maus exemplos deixem de existir e ter um processo educacional que não tem medo de debater tais as mazelas de tais práticas e comportamento na sociedade de hoje, apesar de ser uma situação bastante delicada e complexa.

Apesar das características gerais do fenômeno estudado, percebe-se que cada situação tem sua própria dinâmica diferenciada apesar das características gerais na identificação dos comportamentos relacionada à violência física moral e o preconceito.

Quando a escola é palco de violência, cabe a seus gestores, professore e pais um papel ativo no combate e no controle das situações que possam propiciar tais condições a violência física e moral não afete o desenvolvimento e o comportamento dos alunos que estudam na instituição. Contudo também não se pode apenas ignorar tais atos como fossem atos próprios de crianças que ainda não tem a noção de julgar o certo e o errado.

É necessário que se comece a agir tentado explicá-los que preconceito é crime sobretudo cada indivíduo é sempre diferente um do outro e esta diferença é que forma uma nação forte como o Brasil.

Para que isso possa acontecer as instituições de ensino, os professores e demais tem que estar atentos aos desafios e transformações que vem ocorrendo na sociedade para fazer a escola um espaço de comunidade, espaços de alteridade, aberto, atento, perceptivo e vigilante para as novas concepções e construções de seres diferenciados, para bem conviver com as desigualdades, com as diferenças, com as oportunidades que a vida apresenta.

Esta pesquisa gerou inúmeras inquietações que podem ser aprofundadas posteriormente. A primeira se refere ao reconhecimento e a aceitação da existência de violência física e moral e preconceitos seja ele racial ou social como um fator que deve e pode ser combatido pela sociedade local.

O segundo ponto que esta pesquisa nos permitiu elucidar é a clareza que o entrevistado tem sobre a questão, apesar de ainda serem muitos novos. Clareza tal que pode ser usado para desenvolver atividade que permita melhorar seus julgamentos críticos para atos que possam levar a preconceito ou algum tipo de violência física ou moral.

Para tanto, é imprescindível um entendimento multi-setorial com profissionais de outras áreas para que se possa apontar outros aspectos relacionados, direta ou indiretamente, ao fenômeno que, nesta pesquisa, não foram enumerados, pesquisados e elucidados.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABRAMOVAY, M. (Org.). **Desafios e alternativas: violência nas escolas**. Brasília: UNESCO/UNDP, 2004.

ARAÚJO, U. F. O déficit cognitivo e a realidade brasileira. In: AQUINO, Julio Groppa. (Org.) **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. 5. ed. São Paulo, SP: Summus, 1998.

BERNARD Charlot A **Violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**, **Sociologia**, Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez 2002 disponível em <http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.pdf> acessado em 15 /08/2015 as 13 horas e 20 minutos.

BERGER, K. S. **Update on bullying at school: Science forgotten? Developmental Review**, 2007 versão traduzida em http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S027322970600061X&ei=n_sN_TuyOC8ucgQe1q6DLDQ&sa=X&oi=translate&ct=result&resnum=1&ved=0CCUQ7gEwA acessado em 12/07/2015 as 22 horas e 41 minutos.

BANDEIRA, C. M. **Bullying: Autoestima e diferenças de gênero**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009.

_____, Cláudia de Moraes, HUTZ. **Claudio Simon. As implicações do bullying na autoestima de adolescentes**. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 14, Número 1, Janeiro/Junho de 2010.

_____, M. (Org.); ALLI, M. A. E. (Org.). **Escola e violência**. Brasília: UNESCO, UCB, 2002.

_____, M. RUA, M. G. **Violências nas escolas**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2004.

_____, Miriam et al. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, Observatório de Violências nas Escolas, Ministério da Educação, 2006.

_____, M. ET AL. **Percepções dos alunos sobre repercussões da violência nos estudos e na interação social na escola**. IN: *Escola e violência* / Mirian Abromovay (org.) Brasília: UNESCO, UCB, 2009.

BRASIL. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Lei no. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CIVIL/Leis/L8069.htm>. Acessado em 25/08/2015 as 13 horas.

BRASIL, **Gênero e Raça**. Ministério do Trabalho. 2014, Acessado em 23/08/2015 às 16h: 21m Disponível em *In*: <http://www.mp.os.gov.br>.

CAMARGO, Orson. **Bullying. Colaborador Brasil Escola. Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP** <http://www.brasil.escola.com/sociologia/bullying.htm>. Acessado em 05 de junho de 2015, as 12 horas e trinta minutos.

CANTINI, N. **Problematizando o Bullying para a realidade brasileira**. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo. 2004

CHALITA, G. **Pedagogia da amizade - Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores**. São Paulo: Editora Gente, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Ética, Política e Violência**. In: CAMACHO, Thimoteo (org.). **Ensaio sobre Violência**. Vitória: EDUFES, 2003.

DEBARBIEUX, E. et al. **Desafios e alternativas: violências nas escolas**. Brasília: Unesco, 2002.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: Como Prevenir a Violência nas Escolas e Educar Para A Paz**: São Paulo: Versus Editora, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, *Mini-Aurélio século XXI: O Mini Dicionário da Língua Portuguesa*, coord. ANJOS, Margarida dos e FERREIRA, Marina Baird et aut. 4ª ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 2.000.p. 551.

JORNAL GLOBO ONLINE, **Casal acusa concessionária BMW de racismo contra filho de 7 anos no Rio**, Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/01/casal-acusa-concessionaria-bmw-de-racismo-contra-filho-de-7-anos-no-rio.html> Acessado em 21/10/2015 as 14h.

GOFFMANN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

GOMES, Sandra Regina **Grupo Focal uma Alternativa em construção na pesquisa Educacional**. Caderno de Pós – Graduação, São Paulo, V. 4 Educação, p.39-45,2005 PDF

Gil, Carlos Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6º ed, editora ATLAS São Paulo/ SP, 2008.

HAYDEN, C.; BLAYA, C. **Comportamentos violentos e agressivos nas escolas inglesas**. In: DEBARBIEUX, E. **Violência nas escolas: dez abordagens europeias**. Brasília: Unesco, 2002.

IBGE.[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/INSTITUTO_BRASILEIRO_DE_GEOGRAFIA_E_ESTADISTICA). Conteúdo Histórico: Brasil – 500 anos de povoamento. Disponível em: Acesso em: 06 de Jun. 2010.

ITANI, Alice. **Vivendo o preconceito em sala de aula**. In: AQUINO, JulioGroppa. (Org.) **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. 5. ed. São Paulo, SP: Summus, 1998.

JACQUET, Cristine. **Direitos Infante – Juvenil no Ambiente Escolar – Escola que Protege**. Aracaju/SE, UFS/UAB. 2015.

LOPES NETO, Aramis A. **Bullying Comportamento agressivo entre estudantes** *Jornal de Pediatria*, 2005. <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf> acessado em 19 de set. de 2015 às 14 horas e 41 minutos.

MELO, Josevaldo Araújo de. **Bullying na Escola: como identificá-lo, como preveni-lo, como combatê-lo**. Recife: EDUPE, 2010.

MUNANGA, Kabengele. (Org.). **Estratégias e políticas de combate à discriminação racial**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Estação Ciência, 1996.

_____. (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília – DF. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NETO, A.A.L., SAAVEDRA, L.H. **Diga não para o Bullying – Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre estudante**. Rio de Janeiro: ABRAPIA. 2003.

NETO, A.M.Q.F. **A internalização da violência. Tempo e presença**. São Paulo, v. 268, n.15, p. 18 – 21, 1993.

NETO, Lopes Aramis A. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes**. J. Pediatr. 2005

OLWEUS, **Condutas de Acoso u Amenaza Entre Escolas**. Madris: morata. 1993

OLWEUS, **Bully victim problems in school: facts and intervention**. European Journal of Psychology of Education, vol 12 (4), 1998.

OLWEUS, Dan. **Bullying at school: basic facts and an effective intervention programme**. Promotion & Education, Vol 1. (4): 27-31, 1994.

OLIVEIRA, José Reinaldo. **Educação e Racismo: Conhecendo as contradições do passado para construir a escola do futuro**. 2007. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere2008/anais/pdf/1363_952.pdf. acesso em: 19 julho 2015 às 14h:31.

RAPPAPORT, M. C. et al. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: EPU, 1981

SANTOS, J. V. T. **A violência como dispositivo de excesso de poder**. Sociedade & Estado Departamento de Sociologia – UnB, v.10, n. 2, Jul- Dez, 2004.

SCHILLING, F.I. **A sociedade da insegurança e a violência na escola**. São Paulo: Moderna, 2004.

SPOSITO, M. P. **A Instituição escolar e a violência**. Cadernos de Pesquisa: Revista de Estudos e Pesquisa em Educação. São Paulo, n. 104, 1998.

PÊNDICES

APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS

QUEM SÃO OS/AS ALUNOS/AS:

1. **Idade:** _____
2. **Sexo:** () Masculino () Feminino
3. **Possui algum tipo de deficiência?** () Sim () Não
4. **Se sim, qual?** _____
5. **Estado Civil:**
() Solteiro/a () Casado/a () Mora com o companheiro/a () Separado/a () Viúvo/a
6. **Você tem filhos?** () Sim () Não
7. **Quantos filhos?** _____
8. **Com quem você mora?** () Com os pais () Com os avós () Com familiares () Sozinho/a
() Com o/a companheiro/a () Outros. Com quem? _____
9. **Mora em que cidade/bairro:** _____
10. **Quantas pessoas moram com você?** _____
11. **Nível de Escolaridade do Pai:**
() Fundamental incompleto () Fundamental completo () Médio incompleto
() Médio completo () Nível superior () Não estudou () Analfabeto
() Outros _____
12. **Nível de Escolaridade da Mãe:**
() Fundamental incompleto () Fundamental completo () Médio incompleto
() Médio completo () Nível superior () Não estudou () Analfabeto
() Outros _____
13. **Você desenvolve alguma atividade remunerada?** () Sim () Não
14. **Se sim, qual atividade?** _____
15. **Quais os dias e horários que você trabalha?**

16. **Onde você frequentou o Ensino Fundamental? (responder apenas estudantes de Ensino Médio)**
() Todo em escola pública () Todo em escola particular com bolsa
() Maior parte em escola particular () Maior parte em escola pública
() Maior parte em escola particular com bolsa () Todo em escola particular.
17. **Qual o principal meio de transporte que você utiliza para chegar à Escola?**
() a pé () bicicleta () motocicleta () carro () ônibus coletivo () transporte escolar particular
() transporte escolar da prefeitura ou do Estado () carona / que tipo _____ ()
Outro _____

O QUE VOCÊ PENSA SOBRE A EDUCAÇÃO?

18. Você gosta de estudar? () Sim () Não
19. Você tem incentivo dos seus pais para estudar? () Sim () Não
20. Para você qual o tipo de aula ajudar a entender melhor o assunto
 () Expositivas () Com Datashow () Apresentação de trabalhos () Com exercícios
 () Outros Qual? _____
21. Como você descreve seu rendimento escolar?
 () Ruim () Regular () Bom () Muito Bom () Indiferente
22. De quanto tempo você dispõe para estudar?
 () 0 hora () 1 hora () 2 horas () 3 horas ou mais
23. Tem o hábito de ler? () Sim () Não
24. Se você tem o hábito de ler, qual o último livro que você leu?

25. Você tem acesso a internet? () Sim () Não
26. Onde você acessa a internet?
 () Em casa () Na escola () Lan House () Em casa de amigos ou parentes
27. Como você faz suas pesquisas escolares?
 () Biblioteca () Internet () Jornais () Revista () Livros
28. Teve, em alguma fase de sua vida, que interromper seus estudos? () Sim () Não
29. Se sim, porquê?

30. Com relação ao domínio de microcomputador, você:
 () Tenho experiência () Tenho alguma noção () Não domino
31. Qual a disciplina que você mais gosta? Por quê?

O QUE VOCÊ PENSA SOBRE A ESCOLA?

32. Você gosta da escola que estuda? () Sim () Não
33. O ambiente da escola favorece a amizade entre todos (entre alunos e alunos; entre professores e alunos; entre os professores, etc.)? () Sim () Não
34. Como é a relação com os seus colegas de escola?
 () Ótima () Boa () Razoável () Ruim
35. Você possui algum problema no relacionamento com os seus colegas de escola?
 () Sim () Não

36. Se sim, qual?

37. A escola promove festas com a participação de pais, alunos, professores e funcionários?

() Sim () Não

38. As regras de convivência da escola são claras, conhecidas e respeitadas por toda a comunidade escolar?

() Todas () A maioria () Poucas () Nenhuma

39. As punições para aqueles que não cumprem as regras são aplicadas a todos, independentemente se são alunos, professores, diretor ou demais profissionais da escola?

() Sim () Não

40. Os profissionais da escola (diretor, professores, etc.) procuram resolver os conflitos que surgem entre as pessoas no ambiente escolar (brigas, discussões) com base no diálogo e na negociação?

() Sim () Não

41. Você faz uso da biblioteca ou sala de leitura em horário letivo pelo menos uma vez por semana, fazendo pesquisas e leituras?

() Sim () Não

42. Você faz empréstimos de livros do acervo da escola (para ler em casa ou na sala)?

() Sim () Não

43. A biblioteca é acessível a todos os alunos, existe a possibilidade de consulta de livro?

() Sim () Não

44. Você usam computador e a Internet para aprimorar a leitura e a escrita pelo menos uma vez por semana, na escola, durante o horário das aulas?

() Sim () Não

45. Seus pais comparecem e participam ativamente das reuniões sobre a sua vida escola?

() Frequentemente () Pouca frequência () Raramente () Nunca

46. Quais os principais problemas da sua escola?

47. O que você mudaria da sua escola?

48. Como seria a escola ideal?

RELAÇÃO COM OS PROFESSORES:

49. Os professores fazem uso de diferentes atividades para avaliação (provas, trabalhos, seminários)?() Frequentemente () Pouca frequência () Raramente () Nunca

50. Você ler/usa diariamente materiais de leitura disponibilizados nas salas de aula?

Frequentemente Pouca frequência Raramente Nunca

51. Os professores usam os livros didáticos das diferentes disciplinas toda semana, na sala de aula?

Frequentemente Pouca frequência Raramente Nunca

52. Os professores são respeitosos e afetuosos com os alunos?

Todos A maioria Poucos Nenhum

53. Você possui algum problema no relacionamento com seus professores da escola?

Sim Não

54. Se sim, qual?

SONHOS E PROJETOS DE VIDA:

55. Até onde você deseja ir com seus estudos?

Concluir apenas o médio Fazer faculdade Fazer pós-graduação
 Fazer curso profissionalizante. Qual? _____

56. Qual sua principal fonte de informação de acontecimentos atuais?

Jornal escrito Telejornal Jornal falado (rádio) Revista Internet

57. Como você utiliza seu tempo livre?

Assistir à televisão Ouvir música Ir ao teatro Ir ao cinema Sair para dançar
 Jogos (baralho/bingo) Computação (*INTERNET*) *vídeo game*
 Celular (jogos/internet) Outros. Qual? _____

58. Qual a profissão que você gostaria de exercer? Por quê?

59. O que você sonha ou planeja para a sua vida?

APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES

QUESTIONÁRIO – PROFESSORES

INFORMAÇÕES PESSOAIS

1. **Idade:** _____
2. **Sexo:** () Masculino () Feminino
3. **Possui algum tipo de deficiência?** () Sim () Não
4. **Se sim, qual?** _____
5. **Estado Civil:**
() Solteiro/a () Casado/a () Mora com o companheiro/a () Separado/a () Viúvo/a
6. **Você tem filhos?** () Sim () Não
7. **Quantos filhos?** _____
8. **Com quem você mora?** () Com os pais () Com os avós () Com familiares
() Sozinho/a () Com o/a companheiro/a () Outros. Com quem? _____
9. **Mora em que cidade/ bairro:** _____
10. **Qual o principal meio de transporte que você utiliza para chegar à Escola?**
() a pé () bicicleta () motocicleta () carro () ônibus coletivo () transporte escolar particular () transporte escolar da prefeitura ou do Estado () carona / que tipo _____
() Outro _____

FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

11. **Qual o seu nível de escolaridade?**
() Ensino Médio – Pedagogia () Ensino Médio – regular () Graduação () Cursos de Extensão ou aperfeiçoamento (mínimo 180h) () Especialização (mínimo 360h) () Mestrado () Doutorado
12. **Há quantos anos você leciona?**

13. **Em quantas escolas você leciona?**
() Apenas em uma escola () Em 2 escolas () Em 3 escolas () Em 4 ou mais escolas
14. **Em quais turnos você trabalha?(Marque mais de uma opção, se for o caso)**
() Matutino () Vespertino () Noturno
15. **Ao todo, quantas horas-aula você ministra por semana? (Não considere aulas particulares)**
() Até 10 horas-aula () De 10 a 20 horas-aula () De 20 a 30 horas-aula () De 30 a 40 horas-aula () Mais de 40 horas-aula
16. **Quantas horas por semana você dedica ao planejamento das aulas?**

() Até 4 horas semanais () De 4 a 8 horas semanais () 8 horas ou mais

17. Qual é a sua situação trabalhista? (Marque mais de uma opção se tiver mais de um vínculo)

() Efetivo Estadual () Efetivo Municipal () Efetivo Federal () CLT () Rede Particular
() Outros: _____

RELAÇÃO COM A ESCOLA

18. Como você avalia o trabalho que desenvolve na escola?

() Ótimo () Muito bom () Bom () Ruim () Muito ruim () Péssimo

19. Em que escala você considera o relacionamento dos alunos com os professores?

() Ótimo () Muito bom () Bom () Ruim () Muito ruim () Péssimo

20. Quando os alunos têm atitudes preconceituosas ou discriminatórias (como fazer brincadeiras ou usar apelidos que humilham seus colegas), isso é conversado na sala de aula ou em outro espaço da escola para que não aconteça mais?

() Frequentemente () Pouca frequência () Raramente () Nunca

21. A discriminação (atos preconceituosos contra pessoas com deficiência, povos indígenas, mulheres, negros, homossexuais e outros) é assunto abordado durante as aulas como algo que causa sofrimento, prejudica as relações entre as pessoas e é crime?

() Frequentemente () Pouca frequência () Raramente () Nunca

22. As regras de convivência da escola são claras, conhecidas e respeitadas por toda a comunidade escolar?

() Todas () A maioria () Poucas () Nenhuma

23. Você desenvolve atividades para que os alunos aprendam a dialogar e negociar?

() Frequentemente () Pouca frequência () Raramente () Nunca

24. Você conhece o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)?

() Sim () Não

25. Você procura respeitar os direitos estabelecidos no ECA?

() Frequentemente () Pouca frequência () Raramente () Nunca

26. O Estatuto da Criança e do Adolescente é abordado nas salas de aula ou em outras atividades realizadas em sua sala de aula?

() Frequentemente () Pouca frequência () Raramente () Nunca

27. Você participa ou participou da elaboração do projeto político-pedagógico da escola?

() Sim () Não

28. Como é a relação com os seus alunos ?

() Ótima () Boa () Razoável () Ruim

29. Você possui algum problema no relacionamento com seus alunos da escola?

() Sim () Não

30. Se sim, qual?

ATIVIDADE PROFISSIONAL:

31. **Tem o hábito de ler?** () Sim () Não

32. **Se sim, qual o último livro que você leu?**

33. **Com relação ao domínio de microcomputador, você:**

() Tenho experiência () Tenho alguma noção () Não domino

34. **Qual sua principal fonte de informação de acontecimentos atuais? (Pode marcar mais de uma alternativa)**

() Jornal escrito () Telejornal () Jornal falado (rádio) () Revista () Internet

35. **Você planeja regularmente suas aulas?**

() Frequentemente () Pouca frequência () Raramente () Nunca

36. **Você troca ideias com outros professores para planejar as aulas?**

() Frequentemente () Pouca frequência () Raramente () Nunca

37. **O seu planejamento prevê o uso de diferentes recursos pedagógicos (Internet, jornais, revistas, livros diversos, obras de arte, filmes) em sala de aula?**

() Frequentemente () Pouca frequência () Raramente () Nunca

38. **Você procura saber o que os alunos aprenderam no ano anterior para preparar o planejamento do ano letivo?**

() Frequentemente () Pouca frequência () Raramente () Nunca

39. **Você ouve e considera opiniões e sugestões dos alunos para planejar suas aulas?**

() Frequentemente () Pouca frequência () Raramente () Nunca

40. **Os conteúdos trabalhados na sala de aula são relacionados com a vida cotidiana dos seus alunos?**

() Frequentemente () Pouca frequência () Raramente () Nunca

41. **Você incentiva os alunos fazer uso da biblioteca ou sala de leitura em sua aula?**

() Frequentemente () Pouca frequência () Raramente () Nunca

42. **Você utiliza computadores e a Internet para aprimorar a leitura e a escrita durante o horário das aulas?**

() Frequentemente () Pouca frequência () Raramente () Nunca

43. **Como é a relação com colegas professores dessa escola?**

() Ótima () Boa () Razoável () Ruim

44. **Como você avalia a sua relação com os funcionários da escola?**

() Ótima () Boa () Razoável () Ruim

45. **E como você pontuaria a sua relação com a coordenação/direção dessa escola?**

() Ótima () Boa () Razoável () Ruim

SONHOS E PROJETOS DE VIDA:**46. Você gosta de lecionar?**

() Totalmente () Muito () Pouco () Não

47. O que você planeja da sua carreira profissional?

() Continuar a dar aula até a aposentadoria

() Passar em um concurso público sem carreira de magistério

() Assumir um cargo (coordenador, diretor etc)

() Estudar para outra área e mudar de profissão – Qual? _____

() Outros _____

48. Você se sente realizado profissionalmente?

() Totalmente () Muito () Pouco () Não

49. Quais as maiores dificuldades encontradas em seu ambiente de trabalho?

50. O que você mudaria nessa escola em que trabalha?

51. Como seria a escola ideal?

52. Se pudesse voltar no tempo e escolher a sua profissão novamente, o que você seria? Por quê?

APÊNDICE C: RELATÓRIO DO QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS

QUEM SÃO OS (AS) ALUNOS (AS)?						
Q - 01	Idade					
	9 anos	10 anos	11 anos	12 anos	13 anos	MÉDIA: 10,8
	1	3	4	1	1	
	10%	30%	40%	10%	10%	
Q - 02	Sexo					
	Masc	Fem				
	4	5				
	40%	50%				
Q - 03	Possui algum tipo de deficiência ?					
	Sim	Não				
	0	10				
	0%	100%				
Q - 04	Se sim, qual?					
Q - 05	Estado Civil					
	Solteiro	Casado	Mora com companheiro	Separado	Viúvo	
	10	0	0	0	0	
	100%	0%	0%	0%	0%	
Q - 06	Você tem filhos?					
	Sim	Não				
	0	10				

	0%	100%				
Q - 07	Quantos filhos ?					
	Nenhum					
	10					
	100%					
Q - 08	Com quem você mora?					
	Pais	Avós	Familiares	Sozinho	Companheiro	Outros
	8	2	0	0	0	0
	80%	20%	0%	0%	0%	0%
Q - 09	Mora em que cidade/bairro ?					
	São Domingos					
	10					
	100%					
	Povoado Mangabeira					
	6					
	60%					
	Povoado Campanha					
	4					
	40%					

QUEM SÃO OS (AS) ALUNOS(AS)?					
Q - 10 Quantas pessoas moram com você?					
Uma	Duas	Três	Quatro	Cinco	Seis
0	1	3	4	0	2
0%	10%	30%	40%	0%	20%
Q - 11 Nível de escolaridade do pai					
Fund. Incompleto		Fund. Completo		Méd. Incompleto	Méd. Completo
7		1		0	0
70%		10%		0%	0%
Superior	Não estudou	Analfabeto		Outros	Não respondeu
0	1	1		0	0
0%	10%	10%		0%	0%
Q - 12 Nível de escolaridade da mãe					
Fund. Incompleto		Fund. Completo		Méd. Incompleto	Méd. Completo
9		0		0	0
90%		0%		0%	0%
Superior	Não estudou	Analfabeto		Outros	Não respondeu
0	1	0		0	0
0%	10%	0%		0%	0%
Q - 13 Você desenvolve alguma atividade remunerada					
Sim	Não				
0	0				
0%	0%				
Q - 14 Se sim, qual atividade?					
Jovem aprendiz		Trabalho	Autônomo	Ajudante	

	0%	0%	0%	0%		
Q - 15 Quais os dias e horários que você trabalha?						
	Seg a Sex	Manha	Tarde			
		0				
	0%	0%	0%			
Q - 16 Onde você frequentou o Ensino Fundamental?						
	Todo em escola pública		Todo em particular com bolsa		Maior parte em particular	
	0		0		0	
	0%		0%		0%	
	Maior parte em pública		Maior parte em particular com bolsa		Todo em particular	
	0		0		0	
	0%		0%		0%	
Q - 17 Qual o principal meio de transporte que você utiliza para chegar à escola						
	A pé	Bicicleta	Moto	Carro	Ônibus coletivo	T. Escolar particular
	4	5	1	0	0	0
	40%	50%	10%	0%	0%	0%
	T. Escolar público		Carona			
	0		0			
	0%		0%			

O QUE VOCÊ PENSA SOBRE A EDUCAÇÃO?				
Q - 18 Você gosta de estudar?				
Sim	Não	Não respondeu		
10	0	0		
100%	0%	0%		
Q - 19 Você tem incentivo dos seus pais para estudar?				
Sim	Não			
10	0			
100%	0%			
Q - 20 Para você, qual tipo de aula ajuda a entender melhor o assunto?				
Expositivas	Datashow	Trabalhos	Exercícios	Outros
0	0	0	10	0
0%	0%	0%	100%	0%
Q - 21 Como você descreve seu rendimento escolar?				
Ruim	Regular	Bom	Muito bom	Indiferente
0	4	4	2	0
0%	40%	40%	20%	0%
Q - 22 De quanto tempo você dispõe para estudar				
0 hora	1 hora	2 horas	3 horas ou mais	
0	5	0	5	
0%	50%	0%	50%	
Q - 23 Tem o hábito de ler?				
Sim	Não			
10	0			
100%	0%			

Q - 24 Tem o hábito de ler?					
Lista de livros lidos: Sim Nariz ; Os Sete Cabritinhos / Dolores Dolorida / Ideias malucas Já para a cama monstrinho / História de Trancoso / O sapo voador Quero um bicho de estimação / O rei brigadeiro e a sua banheira					
Q - 25 Você tem acesso a internet?					
Sim	Não				
4	6				
40%	60%				
Q - 26 Onde você acessa a internet?					
Em casa	Na escola	Lan House	Casa de amigos/parentes	Não respondeu	
4	0	0	3	3	
40%	0%	0%	30%	30%	
Q - 27 Como você faz suas pesquisas escolares?					
Biblioteca	Internet	Jornais	Revistas	Livros	Não respondeu
0	2	0	0	8	
0%	20%	0%	0%	80%	0%
Q - 28 Teve, em alguma fase de sua vida, que interromper seus estudos?					
Sim	Não				
1	9				
10%	90%				

O QUE VOCÊ PENSA SOBRE A EDUCAÇÃO?				
Q - 29	Se sim, por quê?			
Q - 30	Com relação ao domínio de microcomputador, você:			
	Tenho experiência	Tenho alguma noção	Não domino	
	2	5	3	
	20%	50%	30%	
Q - 31	Qual a disciplina que você mais gosta? Por quê?			
	Matemática	Redação	Artes	Não respondeu
	4	4	1	1
	40%	40%	10%	10%

O QUE VOCÊ PENSA SOBRE A ESCOLA?				
Q - 32	Você gosta da escola que estuda?			
	Sim	Não		
	10	0		
	100%	0%		
Q - 33	O ambiente da escola favorece a amizade entre todos?			
	Sim	Não	Não respondeu	
	10	0	0	
	100%	0%	0%	
Q - 34	Como é a relação com os seus colegas de escola?			
	Ótima	Boa	Razoável	Ruim
	1	9	0	0
	10%	90%	0%	0%
Q - 35	Você possui algum problema no relacionamento com os seus colegas de escola?			
	Sim	Não		
	0	10		

	0%	100%			
Q - 36	Se sim, qual?				
Q - 37	A escola promove festas com a participação de pais, alunos, professores e funcionários?				
	Sim	Não			
	0	10			
	0%	100%			
Q - 38	As regras de convivência da escola são claras, conhecidas e respeitadas?				
	Todas	A maioria	Poucas	Nenhuma	Não respondeu
	0	10	0	0	0
	0%	100%	0%	0%	0%
Q - 39	As punições para aqueles que não cumprem as regras são aplicadas a todos independentes se são alunos, professores, diretor ou demais profissionais da escola?				
	Sim	Não	Não respondeu		
	10	0	0		
	100%	0%	0%		
Q - 40	Os profissionais da escola procuram resolver os conflitos que surgem entre as pessoas no ambiente escolar com base no diálogo e na negociação?				
	Sim	Não	Não respondeu		
	10	0	0		
	100%	0%	0%		
Q - 41	Você faz uso da biblioteca ou sala de leitura em horário de aulas pelo menos uma vez por semana', fazendo pesquisas e leituras?				
	Sim	Não			
	10	0			
	100%	0%			

O QUE VOCÊ PENSA SOBRE A ESCOLA?					
Q - 42	Você faz empréstimos de livros do acervo da escola (para ler em casa ou na sala)?				
	Sim	Não			
	10	0			
	100%	0%			
Q - 43	A biblioteca é acessível a todos os alunos, existe a possibilidade de consulta de livros?				
	Sim	Não	Não respondeu		
	10	0	0		
	100%	0%	0%		
Q - 44	Você usa computador e internet para aprimorar a leitura e escrita pelo menos uma vez por semana, na escola, durante o horário das aulas?				
	Sim	Não			
	0	10			
	0%	100%			
Q - 45	Seus pais comparecem e participam ativamente das reuniões sobre a sua vida escolar?				
	Frequentemente	Pouca frequência	Raramente	Nunca	Não respondeu
	1	0	8	1	0
	10%	0%	80%	10%	0%
Q - 46	Quais os principais problemas de sua escola?				
	Problema listado na maioria dos formulários: Estrutura				
Q - 47	O que você mudaria na sua escola?				
	Lista de itens relatados: Banheiros				
Q - 48	Como seria a escola ideal?				

Lista de itens relatados:

Uma escola bonita / um banheiro chique e arrumado

RELAÇÃO COM OS PROFESSORES						
Q - 49 Os professores fazem uso de diferentes atividades para avaliação?						
Frequentemente		Pouca frequência		Raramente	Nunca	Não respondeu
10		0		0	0	0
100%		0%		0%	0%	0%
Q - 50 Você lê/usa diariamente materiais de leitura disponibilizados nas salas de aula						
Frequentemente		Pouca frequência		Raramente	Nunca	Não respondeu
10		0		0	0	0
100%		0%		0%	0%	0%
Q - 51 Os professores usam os livros didáticos das diferentes disciplinas toda semana?						
Frequentemente		Pouca frequência		Raramente	Nunca	Não respondeu
10		0		0	0	0
100%		0%		0%	0%	7%
Q - 52 Os professores são respeitosos e afetuosos com os alunos						
Todos		A maioria		Poucos	Nenhum	Não respondeu
10		0		0	0	0
100%		0%		0%	0%	0%
Q - 53 Você possui algum problema no relacionamento com seus professores?						
Sim		Não		Não respondeu		
1		9		0		

	10%	90%	0%
Q - 54	Se sim, qual?		
	Lista de itens relatados:		

SONHOS E PROJETOS DE VIDA				
Q - 55	Até onde você deseja ir com seus estudos?			
	Ensino Médio	Pós-Grad.	Graduação	Curso Profissional.
	0	1	9	0
	0%	10%	90%	0%
Q - 56	Qual sua principal fonte de informações de acontecimentos atuais			
	Jornal Falado (rádio)	Telejornal		
	4	6		
	40%	60%		
Q - 57	Como você utiliza seu tempo livre?			
	Lista na planilha desta seção do questionário			
Q - 58	Qual profissão você gostaria de exercer? Porque?			
	Lista na planilha desta seção do questionário			
Q - 59	O que você sonha ou planeja para sua vida?			
	Lista na planilha desta seção do questionário			

ANEXO

ANEXOS A



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA
Curso de Especialização em Direitos Infanto-Juvenis no Ambiente
Escolar
(Escola que Protege)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa que integra a elaboração de Plano de Intervenção, trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Direitos Infanto-Juvenis no Ambiente Escolar – Escola que Protege. Meu (nosso) nome é (são) _____, sou (somos) aluno/a/s do curso citado com o número de matrícula _____.

A presente pesquisa segue os parâmetros os objetivos gerais do curso que se dispõem proporcionar aos profissionais de educação e outros atores sociais uma formação qualificado sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, a fim de que uma visão sistêmica desse novo marco jurídico-político para a infância e adolescência no Brasil promova o adensamento dos valores e princípios inaugurados pelo ideário da proteção integral, tornando-os mais capazes de compreender a diversidade e complexidade das questões afetas à adolescência e infância no Brasil e em Sergipe, em especial no ambiente escolar.

Os procedimentos de coleta de material contemplará a aplicação de um questionário e a realização de grupo focal sobre questões referentes ao processo educativo. A presente pesquisa pode proporcionar benefícios referentes ao desenvolvimento de estratégias, projetos e planos de ação que proporcionem a defesa e efetivação dos direitos alusivos às crianças e aos adolescentes.

Garantimos que na pesquisa em questão a sua privacidade será respeitada, ou seja, o seu nome ou qualquer elemento que possa, de qualquer forma, identifica-lo, será mantido em sigilo, caso seja solicitado.

Os pesquisadores envolvidos no referido projeto estão sendo orientados pela professora e formadora do curso Escola que Protege Priscila Soares Silva (esp.tutoria@gmail.com).

Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato com o(s) pesquisador(es) pelo telefone: _____ ou com a coordenação e/ou orientadora do curso pelo telefone (79) 2105-6820.

Atenciosamente,

São Cristóvão, _____ de _____ de 2015.

Joelina Souza Menezes

Joelina Souza Menezes
Coordenadora do Curso Escola que Protege

ANEXO – B



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA



Curso de Especialização em Direitos Infanto-Juvenis no Ambiente Escolar
(Escola que Protege)

CARTA DE COMPROMISSO DE PESQUISA

DADOS DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO	
Instituição de Ensino:	Universidade Federal de Sergipe - UFS Centro Superior de Educação à distância - CESAD
Curso:	Especialização em Direitos Infanto-Juvenis no Ambiente Escolar (Escola que Protege)
CNPJ:	
Endereço:	Cidade Universitária “Prof. José Aloísio de Campos” Jardim Rosa Elze s/nº, Departamental III, sala 01
Cidade/Estado:	São Cristóvão / SE

DADOS DO DISCENTE/PESQUISADOR			
Discente/pesquisador:			
Matrícula:		Tel/Cel:	
Endereço:			
Cidade:		CEP:	
CPF:	RG:	ÓRGÃO EXPEDIDOR:	UF:
E-mail:			
Orientador:			
Telefone:			
E-mail:			

DADOS DA INSTITUIÇÃO CONCEDENTE

PARA PESQUISAS REALIZADAS EM ESTABELECIMENTOS DE ENSINO:	
Escola:	
Telefones:	Código Inep:
Endereço:	
Cidade:	CEP:
Diretor ou Coordenador responsável na escola:	
Telefones:	
E-mail:	

PARA PESQUISAS REALIZADAS EM OUTROS ESTABELECIMENTOS:
Local de realização da pesquisa:
CNPJ:
Telefones:
Endereço:

Cidade:	CEP:
Responsável pelo estágio:	
Telefones:	
E-mail:	

Cláusula 1ª: O presente termo de compromisso formaliza a realização de pesquisa para a realização de Trabalho de Conclusão de Curso em formato de Plano de Intervenção **de caráter obrigatório**, para o recebimento do título de especialista no Curso de Especialização em Direitos Infanto-Juvenis no Ambiente Escolar – Escola que Protege, visando a realização de atividades compatíveis com a programação curricular e projeto pedagógico do curso.

Cláusula 2ª: O aluno/pesquisador desenvolverá as suas atividades na área de educação e direitos infanto-juvenis, constando em seu Plano de Atividades a realização de entrevistas com professores ou profissionais ligados a redes de proteção, realização de observação de campo e levantamento/pesquisa de documentação da instituição como Projeto Pedagógico, Regimento Interno, Currículo, Projetos, entre outros.

Cláusula 3ª: A pesquisa será realizada no período de ____/____/____ a ____/____/____.

Cláusula 4ª: Não há jornada de atividade de estabelecidas, o aluno/pesquisador atuará de acordo com dias e horários previamente estabelecidos com o responsável pela instituição em questão.

Cláusula 5ª: São obrigações da INSTITUIÇÃO DE ENSINO (UnB):

- a) Notificar a INSTITUIÇÃO CONCEDENTE quando ocorrer a transferência, trancamento de curso, abandono ou outro fato impeditivo da continuidade do estágio;
- b) Indicar orientador da área a ser desenvolvida no estágio para acompanhar e avaliar as atividades do estagiário;

Cláusula 6ª: São obrigações do ALUNO/PESQUISADOR:

- a) Cumprir com empenho e interesse toda a programação estabelecida para seu estágio;
- b) Observar e cumprir as normas internas da INSTITUIÇÃO CONCEDENTE, inclusive as relativas ao sigilo e confidencialidade das informações a que tiver acesso;
- c) *Informar imediatamente à INSTITUIÇÃO DE ENSINO (UnB) a rescisão antecipada do presente termo para que possam adotar as providências administrativas cabíveis;*
- d) Informar de imediato a INSTITUIÇÃO CONCEDENTE qualquer fato que interrompa, suspenda ou cancele sua matrícula na *INSTITUIÇÃO DE ENSINO (UnB)*;
- e) Manter atualizado, junto INSTITUIÇÃO CONCEDENTE, seus dados pessoais e escolares.
- f) Assinar o presente termo e entregar uma via a cada parte;

Cláusula 7ª: São obrigações da INSTITUIÇÃO CONCEDENTE:

- a) Ofertar instalações que tenham condições de proporcionar ao educando atividades de aprendizagem social, profissional e cultural;
- b) Indicar um funcionário de seu quadro de pessoal com formação ou experiência profissional compatível com a área de conhecimento do estagiário, que deve atuar de forma integrada com o orientador da Universidade de Brasília;
- c) Entregar, ao final de realização do estágio, declaração que confirme a presença e participação do aluno/pesquisados.

Cláusula 8ª - O presente Termo de Compromisso de Pesquisa somente poderá ser prorrogado ou alterado mediante assinatura de termo aditivo, podendo, no entanto, ser:

- a) Extinto automaticamente ao término do estágio;

b) Rescindido por deliberação da INSTITUIÇÃO CONCEDENTE ou do Aluno Pesquisador;

c) Rescindido por conclusão, abandono ou trancamento de matrícula do curso realizado pelo estagiário.

Cláusula 9ª – A INSTITUIÇÃO DE ENSINO, a INSTITUIÇÃO CONCEDENTE, e o ALUNO PESQUISADOR, signatários do presente Termo de Estágio, de comum acordo com os termos ora ajustados, assinam o presente instrumento, em três vias de igual teor e forma, para que surta seus efeitos jurídicos e legais.

_____, _____ de _____ de 2015.

Aluno/Pesquisador

Coordenadora do Curso Escola que Protege
(assinatura e carimbo)

Instituição concedente
(assinatura e carimbo)